

PPGHIST
Programa de Pós-Graduação em História - UEMA



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

“DA ESCOLA PARA OS TERREIROS”: Oficinas para trabalhar a História, Cultura e Religiões Afro-Brasileiras no espaço escolar

JÊIBEL MÁRCIO PIRES CARVALHO

**“DA ESCOLA PARA OS TERREIROS”:
Oficinas para trabalhar a História, Cultura e
Religiões Afro-Brasileiras no espaço escolar**

São Luís
2019

Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/46/2f/b5/462fb5b3e0e56ca3767337475d588f19.jpg>

Jêibel Márcio Pires Carvalho

**“DA ESCOLA PARA OS TERREIROS”:
Oficinas para trabalhar a História, Cultura e
Religiões Afro-Brasileiras no espaço escolar**

**São Luís
2019**

Capa
Jêibel Márcio Pires Carvalho

Pesquisa Iconográfica e Imagens
Jêibel Márcio Pires Carvalho

Texto
Jêibel Márcio Pires Carvalho

Revisão
Wheriston Silva Nêris

Revisão do texto
Francilene Cardoso- Bibliotecária (CBR 13/797)

Este material foi elaborado como produto do Mestrado Profissional em História da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST/UEMA), sob a orientação do Prof. Dr. Wheriston Silva Nêris.

Carvalho, Jêibel Márcio Pires.

Oficinas para trabalhar a História, Cultura e Religiões Afro-Brasileiras no espaço escolar / Jêibel Márcio Pires Carvalho. – São Luís, 2019.

102 p.; il.

Produto da Dissertação “Dos terreiros para a escola, da escola para os terreiros”: Problematizando as relações entre instituições escolares e religiões afro-brasileiras a partir de Cururupu/MA.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Nêris.

1. Escola. 2. Religiões afro-brasileiras. 3. Cultura. 4. Oficinas. I. Título

CDU: 37:39(6+81)(091)(058)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1	ÁFRICA ALGUMAS ABORDAGENS	17
1.1	Filosofia Ubuntu	19
1.2	Arte Africana	20
1.3	Reis, reinados e política	21
1.4	Dança e celebração	23
1.5	Turbantes a coroa africana em moda	24
1.6	Boubou africano cores e simbologia	25
2	CULTURA AFRO-BRASILEIRA: legitimando uma história	27
2.1	Capoeira	28
2.2	Samba	29
2.3	Tambor de Crioula	31
2.4	Afoxé	33
3	RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA: a escola entre terreiros	35
3.1	Candomblé	37
3.2	Xirê dos Orixás	39
3.3	Tambor de Mina	57
3.4	Pai Benedito Marques /Terreiro de Santa Luzia de Fátima Cadete	61
3.5	Umbanda da brasilidade Terreiro de Ogum	65
3.6	Zé Pilintra o popular da Umbanda – Babalorixá Rogério de Ogum	67
4	MITOS AFRICANOS: literatura negra na voz dos griôs	69
4.1	Os Griôs	71
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	101

APRESENTAÇÃO

Colegas professores,

O material que vocês têm em mãos resulta do esforço para criar sugestões didáticas para trabalhar com temas sobre a História da África e da cultura africana e afro-brasileira. Ele participa, portanto, de uma luta pela defesa do respeito à diferença e pelo incentivo ao diálogo em um momento no qual parece que essas competências se encontram em risco.

A partir do advento das novas propostas históricas que visam produzir um novo olhar sobre o sujeito, representando de maneira mais ampla a diversidade social, cultural e histórica, torna-se necessário elaborar possibilidades didáticas mais atentas às histórias e memórias que não são regularmente contadas em nossas escolas. Foi com essa perspectiva que o presente material foi elaborado.

Dito isto, caberia ressaltar algumas dimensões que estruturam o produto que vocês têm agora em mãos. A começar pelo lugar que damos à história do continente africano, o que resulta em boa medida, do vasto conjunto de pesquisas que vêm sendo realizadas dentro da Universidade e promovidas por diversas organizações e movimentos sociais – particularmente o Movimento Negro. Essa renovação de perspectiva deriva também do esforço histórico empreendido por gerações de intelectuais africanos e brasileiros que deram início a uma nova maneira de falar a respeito da África. Aspectos que outrora eram negados nos manuais, passam a entrar em cena. Contribuições econômicas, culturais e técnicas dos povos africanos para a humanidade são hoje cada vez mais conhecidos, contrariamente à leitura historicamente difundida de que a África e os africanos não teriam dado nenhuma contribuição à história ou que contribuíram somente na cultura e nas artes. Mas ainda há muito a fazer para garantir a inserção dessas temáticas no cotidiano escolar.

Além disso, este trabalho também se justifica pelas constatações que tivemos ao longo da pesquisa de mestrado em história, do qual deriva este material. Nessa pesquisa, procurei explorar as relações entre Cultura, Religiões de Matriz Africana e Educação, tomando como lugar de observação o Centro de Ensino João Marques Miranda e os 14 terreiros que circundam a escola. A minha questão de partida era: Por qual razão, em um contexto de tamanha proximidade geográfica, social e cultural, a escola e os terreiros estabelecem tão poucas relações concretas?

Destarte, por meio da realização da pesquisa pude observar que além da ausência de preparo e do receio, mesmo entre os docentes, a respeito de como trabalhar o tema da história, cultura e religião afro-brasileira em sala de aula, a carência de acesso a materiais afetava diretamente o contexto em pauta. Dessa maneira, mesmo que já exista legislação, a exemplo da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História da Cultura Afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares de todo país, sua efetividade está longe de ser garantida, havendo, por conseguinte, forte descompasso entre o conjunto legal que normatiza a escola, e as vivências concretas e cotidianas da cultura escolar local. Foi a partir de então que pude compreender a importância de oferecer sugestões. Se minha questão anterior era “Por qual razão”, agora ela passaria a ser “Como”, nesse sentido, questiona-se: Como utilizar-se dessas prescrições legais para trabalhar com a temática das religiões afro-brasileiras e promover o diálogo, o respeito e o reconhecimento mútuo no espaço escolar?

O material que vocês têm em mãos agora, intitulado: Oficinas para trabalhar a História, Cultura e Religiões Afro-Brasileiras no espaço escolar constitui uma tentativa de responder a essa indagação. Espero que gostem!

Jêibel Márcio Pires Carvalho
Professor de Língua Portuguesa
e Literatura Brasileira

INTRODUÇÃO

Vem desde o tempo da senzala
Do batuque e da Cabala
O som que a todo povo embala
E quanto mais forte o chicote estala
E o povo se encurrala
O som mais forte se propala
E é o samba
É o ponto de Umbanda
E o tambor de Luanda
É o Maculelê e o lundu
É o Jongo e o Caxambú
É o Cateretê, é o Côco e é o Maracatu
O atabaque de Caboclo, o agogô de Afoxé.
É a curimba do batucajé
É a Capoeira e o Candomblé
É a festa do Brasil mestiço, santuário da fé.
E aos sons a palavra do poeta se juntou
E nasceram as canções e os mais belos poemas de
amor.
Os cantos de guerra e os lamentos de dor
E pro povo não desesperar
Nós não deixaremos de cantar
Pois esse é o único alento do trabalhador

(Brasil Mestiço Santuário Da Fé)
Clara Nunes

Muito se ouve falar do papel da escola na transmissão de saberes, sobretudo na compreensão dos elementos que a compõem, entram nesse contexto aspectos políticos, sociais, morais e religiosos. Este último pautado na ideia de imparcialidade uma vez que a escola é laica e assim deve reverberar sobre todas as denominações religiosas que formam o mapa religioso do país, no entanto não é isto que temos observado ao longo da história.

Em meio a tudo isto, as religiões de matriz africana tem sido o campo de maior concentração nesses diálogos, todavia, o que temos observado de um lado, campanhas de combate à intolerância religiosa e de outro a escola que ainda perpetua uma pedagogia pautada na demonização dos cultos africanos mesmo diante da diversidade religiosa presente no ambiente escolar, diante disto observamos o silenciamento das realidades ali existente isto por se tratar de comportamentos de exclusão e indiferenças.

Portanto, devemos repensar como a escola trata cultura e as religiões afro-brasileiras, a escola possui pouca informação sobre o tema o que dificulta o diálogo. Esse quadro tem contribuído com o desenvolvimento de práticas que ferem o direito à liberdade religiosa no espaço escolar, alunos praticantes dos cultos afros são estereotipados, desistem de frequentar a escola, isto quando não sofrem agressões físicas. É preciso que professores estejam atentos a estas questões e possam colocar em evidência esse debate como uma pauta pedagógica e envolva os modelos de ensino religioso das redes de ensino do Brasil.

Claro que é difícil romper o modelo aplicado na educação brasileira uma vez que as parcerias institucionais dialogam entre a escola e um cristianismo voltado unicamente para preceitos dos dogmas católicos, não se tem visto mesmo nos cultos ecumênicos realizados na escola a presença da liturgia africana como forma de demarcar a presença de praticantes mesmo que em função da negação ali postulada.

Para compreender os mecanismos que embasam os cultos afros aqui praticados é extremamente importante que saibamos que as religiões africanas e afro-brasileiras não são

invenção do imaginário simbólico negro ou uma maneira de contrapor os dogmas de outra religião, mas se faz necessário saber que toda liturgia tem um local de origem. Para tanto, ao estudarmos religiões afro-brasileiras, cabe fazer uma incursão na História da África a fim de compreender como se deu a chegada dos africanos, sua contribuição para a sociedade brasileira e a formação dos cultos que mesmo após quatro séculos de escravidão e negação se mantiveram vivas.

Neste sentido, as contribuições na formatação das culturas religiosas que resultaram nas manifestações afro-brasileiras como: Candomblé, Umbanda, Terecô, Tambor de Mina. Porém, embora isso chegue a ser de conhecimento público, em todos os estados brasileiros o que mais encontramos são posturas intolerantes e preconceituosas, em diversos aspectos, dentro da escola, esse comportamento é recorrente contrariando uma das funções que é a de garantir a liberdade de expressão religiosa.

As religiões afro-brasileiras são, inegavelmente, símbolos de resistência dos africanos e seus descendentes. Repletas de tradições desenvolvem papel de primeira ordem como guardiãs da memória do povo, nutrindo aspectos da cultura afro-brasileira que foi se moldando durante esse processo. Por essa razão, o objetivo desse material não se resume apenas a um material didático complementar. Perpassa por ele o objetivo político de aproximar a escola da sua comunidade e de valorizar a história e cultura africana e afro-brasileira.

África: lugar das primeiras descobertas, invenções e produção de conhecimento.



Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-dqQwiNpns_8/VVPW XF Jxmrl/AAAAAAACzt8/vRzT-sXWmb9E/s1600/4-africa.jpg

A África mantém-se como um continente desconhecido para a maioria da população brasileira, seja ela docente ou discente. As escolas de ensino infantil, fundamental, médio e universitário, no geral, não abordam o passado africano. Muito embora, esse passado esteja tão presente no cotidiano

nacional, seja através das palavras faladas, da cultura, das religiões, das instituições, da economia. O desconhecimento e o silêncio sobre o passado dos diversos países africanos nos cursos superiores das diferentes áreas do conhecimento é imenso. Esses desconhecimento e silêncio têm sido uma opção arbitrária e política dos nossos educadores, lideranças políticas e econômicas. O continente africano além de ser o berço da humanidade é, também, o das civilizações. Deu-se na África a primeira revolução tecnológica da humanidade, a passagem de caçador e coletor de frutos e raízes para a agricultura e pecuária. As diferentes etnias africanas utilizaram de veículos diversos para propagarem seu saber, sua visão de mundo, etc. para as gerações futuras. Um grande número optou pela transmissão oral, sendo uma de suas marcas culturais.

As contribuições das diversas nações africanas, ao longo da história, para o desenvolvimento cultural, econômico, político, científico e tecnológico da humanidade são vastos e complexos, muito embora esse reconhecido seja prejudicado pela perspectiva preconceituosa que o ocidente europeu, norte-americano e sob sua influência cultural e científica nutre em relação ao continente-pai. Essa cultura do norte da África tem sido extremamente importante para toda a humanidade até os dias de hoje, particularmente pelos conhecimentos que ainda revela. O conhecimento tecnológico estava presente em diversos ambientes culturais e sociais da África antiga. O saber médico, sanitário, os cálculos matemáticos e o universo astronômico eram em graus diferenciados parte deste continente. A medicina egípcia, por exemplo, tinha seu conhecimento a partir dos experimentos e estudos voltados para o interior do organismo humano, elaborado em função da prática da mumificação, do embalsamento do corpo dos faraós e de pessoas influentes desta sociedade. Deste modo se a medicina tem um pai é o cientista clínico egípcio Imhotep, que acerca de 3.000 anos antes de Cristo já aplicava os conhecimentos médicos e de cirurgia. A matemática, a geometria e a engenharia tem na África um conhecimento antigo. As pirâmides do Egito, por exemplo, revelam isso, na medida em que projetou-se um monumento para durar ao longo do tempo, mas que foi construído há 2.700 anos de Cristo,

Verificamos que os africanos estiveram presentes em todas as regiões do planeta Terra em eras históricas remotas, mas não como escravizados. Essa condição social nova para os africanos deu-se, sobretudo no início do século XV com a expansão europeia.

As técnicas de plantio já eram conhecidas pelos africanos conhecedores antes de Portugal aportar nas costas litorâneas do Atlântico, seja em Guiné e em Angola. Muitos desses povos agricultores, pastores e mineradores tinham técnicas mais avançadas do que os lusos, sendo hábeis na arte e no conhecimento em relação à metalurgia e à siderurgia.

As contribuições da ciência médica foram importantes para os traficantes e seus compradores, os senhores de engenho e fazendeiros nas Américas, na Europa e na Ásia para que viessem a adquirir homens e mulheres plenamente capacitados de suas qualidades físicas e mentais esvaziando o continente africano destes seres capacitados produtiva e reprodutivamente, bem como fazendo com que esse continente perdesse seus talentos, sua realeza, seus sacerdotes e seus intelectuais e artistas para construir com sua força e criatividade outras civilizações. Foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos e sem desfalecimento, a nobreza e a prosperidade do Brasil; foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria competindo-lhes, portanto, um lugar de destaque, como fator da civilização brasileira.

Quem quer que compulse a nossa história, certificar-se-á do valor e da contribuição do negro na defesa do território nacional, na agricultura, na mineração, como bandeirante, no movimento da independência, com as armas na mão, como elemento apreciável na família, e como herói do trabalho em todas as aplicações úteis e proveitosas, foi ainda o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já melancólico, deprimido, tristonho, calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza. A risada do negro é que quebrou toda essa apagada e vil tristeza em que foi abafando a vida nas casas-grandes, ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinhos, os carnavais, as festas de Reis, que à sombra da Igreja inundaram das reminiscências alegres de seus cultos totêmicos e fálicos as festas populares do Brasil; na véspera de Reis e depois, pelo carnaval, coroando os seus reis e as suas rainhas, fazendo sair debaixo de umbelas e de estandartes místicos, entre luzes quase de procissão, seus ranchos protegidos por animais águias, pavões cada rancho com o seu bicho feito de folhas de flandres conduzido à cabeça, triunfalmente; os negros cantando e dançando, exuberantes, expansivos. Nos engenhos, tanto

das plantações como dentro de casa, nos tanques de bater de roupa, nas cozinhas, lavando roupa, enxugando prato, fazendo doce, pilando café; nas cidades, carregando sacos de açúcar, pianos, sofás de jacarandá de ioiôs brancos – os negros trabalharam sempre cantando: seus cantos de trabalho, tanto quanto os de Xangô, os de festa, os de ninar menino pequeno, encheram de alegria africana a vida brasileira. Às vezes um pouco de banzo: mas principalmente de alegria.

As mulheres negras construíram um universo cultural repleto de símbolos e de signos que tem marcado a sociedade brasileira, seja a partir de suas crenças e religiosidades que remetem a antiguidade africana dos ancestrais e dos antepassados, seja a partir da organização familiar com o seu caráter matrilinear, seja a partir de um cenário supostamente não violento, harmônico e sagrado que é a cozinha com seus cheiros, suores e segredos essas mulheres estavam em vendas ou quitandas, nas portas das casas, ou ambulantes em tabuleiros, praticam o comércio urbano de comidas feitas, especialmente dos preparados culinários africanos, muito do sabor da população, de condimentos, frutos, legumes, produtos da Costa.

Em suma, para finalizar, de modo lacônico, deixo algumas indagações e recomendações: as contribuições africana e afro-brasileira ao Brasil foram feitas debaixo de um regime jurídico institucional e de um sistema político econômico dos mais violentos e longos da história mundial, como seria a qualidade e a quantidade dessas contribuições se eles e elas com sua cultura milenar e seu conhecimento científico, tecnológico, intelectual estivessem fazendo tudo com prazer e podendo criar com liberdade? Qual seria o rumo do Brasil e do mundo? Pense sobre as grandes políticas públicas e as mudanças conjunturais que marcaram a vida social e as instituições brasileiras, desde a colônia até o hoje, perceba que diversas dela tiveram o africano e o afro-brasileiro como fonte e inspiração, no entanto não para favorecê-lo. Depois de ter pensado nisso, veja que o maior contribuinte da história da humanidade continua sendo tratado como devedor, não como credor.

OBJETIVO DA OFICINA: Identificar as influências dos povos africanos para o Brasil e quais as principais contribuições nas diversas áreas de conhecimento.

OFICINA 01: No mapa da África localize quais os países que já ouviu falar, pesquise quais as influências desses povos para o Brasil.

OFICINA 02: Pesquise as características físicas dos povos africanos, organize uma roda de conversa com lideranças negras e discutam sobre os traços físicos que apresentam desses povos.

OFICINA 03: Identificados os principais povos que ajudaram no processo civilizatório do país, pesquise as estruturas sócio-política-administrativa dessas nações com foco a perceber seu desenvolvimento e contribuição para o mundo.

A influência africana na língua portuguesa

A língua portuguesa sofre influência africana desde os tempos da escravidão. Nesse período, um grande número de pessoas veio para o Brasil de vários locais da África, trazendo consigo seu modo de falar, viver e suas línguas próprias. Os principais grupos que contribuíram para a língua portuguesa foram os grupos guineano-sudanês (Guiné e Sudão Ocidental) e banto (África Austral). Um dos vestígios deixados pelos africanos em nossa língua é o *-prefixo ca-* (pequeno), que aparece em várias palavras. O português que falamos no Brasil tem muitas palavras de origem africana. Os africanos trouxeram consigo sua religião o candomblé que inclui as comidas, a música, o modo de ver a vida e muitos dos seus mitos e lendas, com isto uma carga linguística que foi determinante para o enraizamento na nossa língua, sendo, portanto um elo com o continente pai e um símbolo de resistência. Muitos vocábulos que nós usamos frequentemente vieram desses idiomas.

OBJETIVO DA OFICINA: Relacionar as palavras de origem africana nos mais diversos contextos sociais.

OFICINA: Organizar um teatro de memórias para identificar em quais contextos estas palavras são mais utilizadas, reúna pessoas das comunidades de terreiros e discutam termos que mais utilizam no cotidiano das casas de cultos.

ÁFRICA: Algumas abordagens

A ideia proposta tem por finalidade quebrar preconceitos raciais históricos já presentes na formação do cidadão desde as séries iniciais. A oficina coloca em evidência a discussão sobre a constituição da identidade brasileira e traz para o mundo do leitor informações acerca do protagonismo dos afro-brasileiros. Exploram-se, em particular, as potencialidades da comunicação visual ao exibirmos as contribuições desses povos em particular as práticas religiosas.

Por essa via, a proposta pedagógica aborda temas a serem debatidos dentro da sala de aula. A opção por compor a publicação com materiais que tratam de diferentes assuntos foi compreendida como o meio mais eficaz para a desconstrução de preconceitos e estereótipos que ainda cercam o passado e o presente dos negros.

Neste sentido, compreender a importância da África para o mundo é positivar a existência de uma história que precisa ser recontada, ampliando a visão da escola sobre o continente, desconstruindo a historiografia eurocêntrica. Sabe-se que as aulas de história pouco trabalham conteúdos sobre África e quando isso ocorre geralmente se realiza de maneira ideologizada. Do ponto de vista do plano curricular, as informações apresentadas aqui baseiam-se não somente em estudos sobre a África, mas também aqueles produzidos por africanos e afro-brasileiros. O objetivo aqui é descolonizar o pensamento e mostrar algumas possibilidades de trabalho com esse conteúdo em sala de aula, que aos olhos desatentos do leitor, pode passar despercebidos ou não afetar as narrativas já consolidadas sobre o continente e seus sujeitos. Outro objetivo é abrir fissuras para que possamos conhecer outras histórias da África e do negro no país, a partir das informações aqui propostas, e que os alunos estabeleçam, eles mesmos, relações com o lugar onde residem e, conseqüentemente, redimensionem o olhar que tem sobre a África, sobre eles mesmos e sobre a importância desses conhecimentos dentro e fora do ambiente escolar.

A África é um continente reconhecido por sua diversidade natural e histórica. Formado por 55 países, o território do continente é cortado por linhas imaginárias: trópico de câncer, Equador, Capricórnio e o Meridiano de Greenwich. A continente também ganha notoriedade

devido à presença de grandes savanas, seus grandes desertos como o do Saara, Namíbia e o Deserto do Kalahari - local de povos nômades que se estabelecem ao longo dos oásis, entre outros. Entre os rios mais importantes destaques para o Rio Congo, Níger, Zambeze e Orange.

Culturalmente os africanos prezam muito pela moral, defendem que o homem deve respeitar a natureza, a vida e os outros homens. Além disso, atribuem muita importância à memória e à transmissão de conhecimentos realizados através de gerações, seja através de indivíduos que se encarregam oficialmente de transmitir esses conhecimentos, seja através da própria ambiência comunitária e suas dinâmicas: orações comunitárias, danças, cantos em locais determinados. Desse ângulo, a vida contemporânea carrega sempre a marca dos sujeitos que viveram, com o que se integra passado e presente nessas culturas (SILVA, 2013, p. 3).

Os povos africanos têm uma variação cultural quanto sua organização política, as formações populacionais podem ser dirigidas de diferentes maneiras havendo pequenos grupos em todo continente, bem como monarquias e regimes democráticos. Quanto às religiões, possuem maneiras determinadas de crenças e esta é explicada através das mitologias, traço que é marcante em todo o continente, uma forma de ver o mundo e torna-se filosofia para a comunidade, inclusive.

OFICINA: JÁ SABENDO QUE A ÁFRICA É UM CONTINENTE E NÃO UM PAÍS, ALÉM DAS IMAGENS E INFORMAÇÕES VISTAS QUAL OUTRA INFORMAÇÃO TEM SOBRE A ÁFRICA? FAÇA UMA PEQUENA LISTA E DISCUTA COM A TURMA.

OBJETIVO DA OFICINA:

Perceber as informações que os participantes possuem de África a partir das respostas explicarem onde aprenderam estas informações.



Fonte: Disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/cultura/para-aprender-conheca-e-tenha-em-casa-a-serie-de-8-volumes-da-historia-geral-da-africa>

1.1 Filosofia Ubuntu

Para a filosofia ubuntu, uma sociedade se sustenta pela solidariedade e o respeito. Trata-se de uma filosofia voltada para a importância das alianças e do relacionamento das pessoas umas com as outras. Em uma tradução aproximada para o português a palavra “ubuntu” significa *“humanidade para com os outros”*. Dessa perspectiva, um pessoa tem a consciência de que também é afetada quando seu semelhante é afetado, oprimido.



Fonte: <https://dionisopunk.files.wordpress.com/2018/11/ubuntu-cover.jpg>

Uma frase que expressa bem esta filosofia é: ***“Eu sou por que nós somos”***. Isto é, a natureza humana implica conexão, elos, partilha respeito. Logo, este fundamento tradicional africano articula um respeito básico pelos outros, sendo interpretado tanto como uma regra de conduta ou ética social.

OFICINA: Pesquise na internet e organize uma amostra com imagens que representam a Filosofia Ubuntu.

1.2 Arte Africana



Fonte: <<https://www.hypeness.com.br/2015/04/a-etnia-africana-que-usa-as-fachadas-de-suas-casas-como-tela-para-pinturas-coloridas/>>

OFICINA: Pesquise no site acima fachadas de casas africanas e faça uma exposição em turma explicando o significado dessa arte.

A África é um continente cheio de curiosidades, costumes. Esta diversidade está estampada por todos os lados. Podemos tomar como um dos exemplos dessa rica cultura os costumes de pintura presentes no grupo étnico Ndebeles, da África do Sul e Zimbábue. Eles possuem o costume de pintar, ou melhor, de estampar as fachadas de suas casas com muitas cores e formas marcantes.

No entanto, pouco se sabe sobre essas casas. A origem se deu com os povos da língua Nguni, composta por dois terços da população negra da África do Sul. Após diversas experiências de troca e interpenetração culturais, as casas passaram a ser pintadas como resultados destas relações. A história que se conta a respeito desse tipo de arte é de que, após uma terrível derrota numa guerra contra colonos holandeses, pouco antes do início do século XX, o povo oprimido passou então a utilizar as pinturas como simbologia de identificação entre eles, numa espécie de comunicação secreta através da arte. A resistência foi então marcada por estes murais artísticos de estilo único que sempre são pintados por mulheres, tornando-se, portanto, uma tradição passada de geração em geração pelas matriarcas da família.

1.3 Reis, reinados e política

Nyimikok Mabiintsh Rei dos Kuba D. R. Congo



Fonte: <<http://prlucky.blogspot.com/2011/10/blog-post.html>>

Nelson Rolihlahla Mandela



Fonte: <http://newsafrikaone.files.wordpress.com/2013/05/marc-alexander-nelson-mandela-colour-1.gif>

OFICINA: Discuta com os colegas quem foi Nelson Mandela pesquise e exponha fatos importantes de sua vida e sua importância para África do Sul e para o mundo.

O continente africano apresenta na estrutura política várias formas de governo. A África ainda convive com as monarquias, na realidade são estados no continente onde o poder supremo ainda reside com um indivíduo, que é reconhecido como chefe de estado ou soberano local. Todas são semelhantes no que se refere à soberania do cargo e geralmente seus ocupantes se mantêm até a morte ou até que abduquem da posição. Essas monarquias podem ser constitucionais, como quando o soberano é limitado pelas leis e costumes no exercício de suas competências, e monarquias absolutas, onde os poderes são ilimitados. Na história da África tivemos vários reinos e impérios de grande expressividade, tais como Daomé, Mali, Ghana. Atualmente são mais raros, havendo a preponderância de modelos políticos ocidentais.

Muitos casos de reformas políticas vêm acontecendo por fatores internos, como independência, organização de partidos e a pressão de movimentos populares. Baseados nessas reformas, alguns países puderam realizar eleições e buscar a solução de conflitos políticos. No entanto esse processo foi lento, sofrido e muitas vezes permeado por guerras civis. O avanço da democracia no continente faz com que alguns países começassem a atuar com maior desenvoltura no cenário mundial negociando questões de seu interesse.

1.4 Dança & celebração



Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/africa-do-sul-o-ritmo-dos-guerreiros-descendentes-de-shaka-zulu>

OFICINA: Liste as danças de origem africana que conhece e pesquise qual sua origem, dentre as danças encontradas veja quais existem em sua cidade e converse com participantes.

OBJETIVO: Reconhecer as danças como um símbolo cultural e religioso na tradição africana.

A dança é uma das preciosidades culturais da África. Ela integra o sistema de vida africano, em todo continente especialmente nas comunidades tradicionais que mantêm essa manifestação presente na caça, guerra, casamento, trabalho e em simples comemorações.

Neste universo de variações, a dança das comunidades faz muito sucesso. O som e a dança das zonas rurais invadem as cidades de uma forma muito bem-vinda, isso acontece inclusive em cidades extremamente urbanizadas como Joanesburgo. Eles são acompanhados de verdadeiros artistas em traje tradicional. Nas cidades e principalmente nos vilarejos, os dançarinos são uma atração imperdível com coreografias e gestos que fazem referência aos rituais, funcionando, inclusive como turismo.

Há uma variedades de apresentações artísticas por toda África, o INDLAMU, “a dança da guerra”, que também é praticada em casamentos por homens de qualquer idade, vestidos com peles de animais com destaque para a força muscular e habilidade com as armas. Todos os acontecimentos da vida africana são comemorados com dança. Nascimento, morte, plantio, colheita farta. As danças africanas variam muito de região para região, mas a maioria delas tem características em comum.

1.5 Turbantes, a coroa africana em moda

Quem nunca ficou admirado com um turbante, que mais parece uma escultura feita em tecido na cabeça de homens e mulheres? São verdadeiras obras de arte! O turbante é um símbolo cultural, que está na moda e esbanja estilo. O seu significado é especial para a cultura africana e diz muito sobre sua importância no continente. Usar os turbantes, especialmente para a cultura africana, denota um símbolo de resistência ao acultramento, de afirmação de identidade cultural e de luta contra a discriminação e preconceito racial. Ou seja, muito além de uma questão de moda e estilo, o turbante assume conotações inseparavelmente culturais e políticas.

OFICINA: Organize uma oficina de turbantes africanos e faça uma amostra com os variados tipos de amarrados explicando a importância para o contexto africano.



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/328833210276707887/>>

Na África, o turbante é parte da cultura do povo, faz parte da indumentária e cada amarração tem um significado diferente. O OJÁ é um tipo usado na cabeça nas religiões africanas, afro-brasileiras. Além de adornar, o turbante é um elemento e elo com a dimensão espiritual.

No Brasil, o uso do turbante foi introduzido pelos africanos no processo de escravização. É muito comum no Estado da Bahia, notadamente em Salvador, cidade que tem uma forte tradição da cultura negra, devido a grande quantidade africanos que aportaram por lá e da forte atuação dos movimentos negros organizados.

1.6 Boubou Africano Cores & Simbologia



Fonte: <https://www.areah.com.br/cool/roupasexoticas/materia/169043/1/pagina_1/roupas-masculinas-tipicas-um-tanto-estranhas.aspx>

Dois trajes são tomados geralmente como marca simbólica dos africanos, muito embora os estilos e roupas sejam muito mais variados. Para as mulheres, o tecido amarrado no corpo, sem costuras. Para os homens, o tradicional Boubou longo, uma espécie de túnica utilizada em toda a África. São trajes que aliam beleza, além do caráter simbólico inerente a filosofia de vida do africano. Os descendentes das grandes comunidades do norte da África nomeiam estes trajes de maneiras diferentes. O boubou, entre os IORUBÁS é chamado de Agbada, pelos HAUSSÁS de Baabban Riga, pelos TUAREGUES de K'sa. O boubou consiste em três peças: um par de calças de amarrar na cintura (Sokoto), uma camisa de mangas compridas (Dashiki) e uma túnica larga usada sobre elas "O BOUBOU". São geralmente feitas do mesmo tecido.

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: legitimando uma história

A cultura afro-brasileira se remonta para o período colonial, quando da época do comércio escravo em que milhões de africanos foram trazidos para o Brasil, formando assim a maior população de origem africana fora da África. Estes povos que aqui chegaram, introduziram vários elementos civilizatórios da sua terra, deixando seu legado em toda sociedade, assim como os povos indígenas e europeus.

Podemos observar a heterogeneidade da cultura afro-brasileira em todo território nacional. Os vários povos trazidos para o Brasil tiveram apropriações e adaptações para que as suas práticas e representações culturais se mantivesse vivas. Dessa forma é muito comum encontrarmos a herança cultural africana em novas práticas culturais.

Sendo assim, as manifestações, rituais e costumes africanos foram aos poucos se introduzindo em nosso país e praticados por todos afrodescendentes ou não. Dois grupos de maior destaque e influência no Brasil são: os Bantos que vieram de Angola, Congo e os Sudaneses da África ocidental, Sudão, Costa da Guiné e Moçambique. As localidades que mais receberam força de trabalho africana foram: Bahia, Pernambuco, Maranhão, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo Rio Grande do Sul e São Paulo. Ressaltamos que a cultura afro-brasileira faz parte da memória brasileira e todo seu conjunto de manifestações.

A cultura afro-brasileira apresenta muitas expressões e variações, a exemplo do Samba, Capoeira, Maracatu, Afoxé, Culinária, Pajelança, Tambor de Mina, Candomblé, Terecô.

2.1 Capoeira

Roda de Capoeira Grupo Mara Brasil Cururupu/Maranhão



Fonte: Arquivo Pessoal

A capoeira é uma expressão afro-brasileira que pode ser interpretada como arte marcial, cultura, esporte, música e dança. Tudo ocorre em grupo, aprendizes são liderados por um mestre que é respeitado e admirado.

Sua origem remota aos fugitivos das fazendas, que frequentemente utilizavam a vegetação rasteira para fugirem dos capitães-do-mato. Ainda no período colonial, os negros começam a disfarçar a capoeira introduzindo mímicas, danças e músicas.

A arte ficou proibida no Brasil até 1930, em parte por ser usada nas ruas como luta, inclusive contra policiais, em parte pelos preconceitos. A expressão só foi reconhecida como um símbolo da identidade brasileira durante o governo Vargas. A roda de Capoeira foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade em 2014 pelo UNESCO.

Dois tipos de jogos estruturam a roda de capoeira: Capoeira Angola e Capoeira Regional, o estilo Angola é o jogo original caracterizado por ser mais lento e composto de movimentos mais rasteiros. Já a capoeira regional foi criada pelo baiano Manoel dos Reis Machado, (Mestre Bimba). O estilo Regional possui atributos de outras artes marciais em sua prática o que contribui muito para melhorar a imagem do capoeirista e favoreceu o aumento de adeptos. Uma forte característica que diferencia a capoeira das outras lutas é o fato de ser acompanhada de música. É a música que decide o ritmo e o estilo do jogo, que é praticado no decorrer da roda de capoeira. A música cantada relata o cotidiano do povo negro contra a exploração e opressão de ontem e hoje.

<p>Que navio é esse que chegou agora é o navio negreiro com os escravos de Angola vem gente de Cambinda Benguela e Luanda eles vinham acorrentados pra trabalhar nessas bandas</p>	<p>Que navio é esse que chegou agora é o navio negreiro com os escravos de Angola aqui chegando não perderam a sua fé criaram o samba a capoeira e o candomblé</p>	<p>Que navio é esse que chegou agora é o navio negreiro com os escravos de Angola acorrentados no porão do navio muitos morreram de banzo e de frio..</p>
--	--	---

2.2 Samba

Escola de Samba Aspirante 2019.
Cururupu/MA



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Escola Águia do Samba 2019. Cururupu/MA



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Considerado uma das principais manifestações culturais populares brasileiras, é um gênero musical oriundo do Rio de Janeiro. Deriva do samba de roda, um tipo de dança de raízes africanas. Alguns tentam destacar sua origem na Bahia, entretanto, ele surge no Rio de Janeiro, parte dos negros que saíram da Bahia foram para as favelas, nas casas das ditas “tias” onde faziam os sambas de roda. O primeiro samba surgiu em 1916, com a gravação da música em disco “Pelo Telefone”. O sucesso alcançado pela canção contribuiu significativamente para divulgação e popularização do samba como gênero musical.

Desde a década de 1930, o samba é considerado a música popular nacional do Brasil. O samba como gênero musical atingiu todas as regiões do país. Um forte representante deste estilo são as agremiações carnavalescas que desfilam no carnaval em vários estados da nação com a participação de sambistas das mais diferentes etnias configurando uma verdadeira festa da pluralidade cultural brasileira.

Pelo Telefone
Donga

O chefe da folia
Pelo telefone manda me avisar
Que com alegria
Não se questione para se brincar

Ai, ai, ai
É deixar mágoas pra trás, ó rapaz.
Ai, ai, ai
Fica triste se és capaz e verás

Tomara que tu apanhe
Pra não tornar fazer isso
Tirar amores dos outros
Depois fazer teu feitiço
Ai, se a rolinha, sinhô, sinhô.
Se embarçou, sinhô, sinhô
É que a avezinha, sinhô, sinhô.
Nunca sambou, sinhô, sinhô
Porque este samba, sinhô, sinhô
De arrepiar, sinhô, sinhô

Põe perna bamba, sinhô, sinhô.
Mas faz gozar, sinhô, sinhô

O Peru me disse
Se o Morcego visse
Não fazer tolice
Que eu então saísse
Dessa esquisitice
De disse não disse

Ah! Ah! Ah!
Aí está o canto ideal, triunfal
Ai, ai, ai
Viva o nosso carnaval sem rival
Se quem tira o amor dos outros
Por deus fosse castigado
O mundo estava vazio
E o inferno habitado

Queres ou não, sinhô, sinhô
Vir pro cordão, sinhô,
É ser folião, sinhô,
De coração, sinhô,
Porque este samba, sinhô, sinhô
De arrepiar, sinhô, sinhô
Põe perna bamba, sinhô, sinhô
Mas faz gozar, sinhô, sinhô
Quem for bom de gosto
Mostre-se disposto
Não procure encosto
Tenha o riso posto
Faça alegre o rosto
Nada de desgosto

Ai, ai, ai
Dança o samba
Com calor, meu amor
Ai, ai, ai
Poís quem dança
Não tem dor nem calor

Fonte: <<https://www.vagalume.com.br/donga/pelo-telefone.html>>

2.3 Tambor de crioula

Tambor de Crioula Resgate Cultural 2019. Cururupu/MA



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Amplamente conhecido no Estado do Maranhão sendo uma das suas grandes referências, o Tambor de Crioula é uma expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, podendo ser ao ar livre, nas praças, no interior dos terreiros, a roda de tambor de crioula é também associando a outros eventos e manifestações o toque é praticado especialmente em louvor a São Benedito. Participam as coureiras

que são conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelas toadas que são evocadas por cantadores e tocadores, o ponto alto da dança é a punga ou umbigada, gesto bastante característico do tambor de crioula, compreendido como uma espécie de saudação e convite a dança.

A dança do tambor de crioula é normalmente executada por mulheres paramentadas com os trajes típicos da manifestação que confere saia de tecido estampado, blusa em geral branca de folhos e renda e um turbante na cabeça. A desenvoltura do espetáculo acontece com coreografias livres, na roda uma dançante de cada vez, executa evoluções diante dos tambozeiros enquanto as demais coureiras completam a roda, enquanto a dançante faz seus movimentos às demais esperam para receber a punga e assim entrar na roda para dançar e continuar com a festa.

A punga é geralmente dada no abdômen, tórax, ou ainda passada com as mãos num ritual de cumprimento. Na roda de tambor de crioula todas executam a dança, mesmo as menos familiarizadas são convocadas a dançar, a coureira segue em direção a uma dançadeira e aplica-lhe a punga. A que recebe, vai até o centro da roda para executar a dança.

Música: Tambor de São Benedito (Compositor Pulido)

Refrão

Beleza que belezaaaa tambor de São Bendito belezaaaa

Coureira passou rastando na pungada do tambor/

coureira ficou de olho que lá vem bom

dançador.

Glorioso São Benedito sua parrelha de tambor/

coureiro ficou de olho que lá vem bom

tocador.

Ó tocador de frente, toca fogo no tambor/

coureiro ficou animado que lá vem bom cantador.

Quem canta pra Benedito/ canta um pouquinho mais/

vim agradecer de perto a graça que ele nos

faz.

2.4 Afoxé

Bloco Afro Abaiomy Cururupu/MA



Fonte: Arquivo Pessoal

Bloco Afro Omnirá Cururupu/ MA



Fonte: Arquivo Pessoal

O afoxé ou também candomblé de rua é uma manifestação de origem ioruba, numa aproximação para o português pode ser traduzido como “a fala que faz” é um símbolo da cultura africana ligadas à religião muito forte no estado da Bahia onde existem vários grupos de afoxés. Para sua concepção, três instrumentos são essenciais: o afoxé (cabaça) os três atabaques de tamanhos diferentes e o agogô que juntos traduzem o som do IJEXÁ, esta manifestação tem profunda ligação com as manifestações religiosas dos terreiros de candomblé. As melodias que são executadas no cortejo são praticamente as cantigas entoadas nos terreiros de cultos afro-brasileiros que seguem a linha de Ijexá. Outra característica são as indumentárias nas cores dos orixás, antes da saída dos grupos, ocorre o ritual religioso, o cortejo de rua que tradicionalmente sai durante o carnaval em diversas cidades brasileiras.

RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA: a escola entre terreiros

As religiões de matriz africana chegaram com os primeiros escravizados africanos que desembarcaram no país. Eles encontraram em sua religiosidade uma forma de preservar suas tradições, idiomas, conhecimentos trazidos da África. Com elas vieram tudo que fazia parte deste universo, sua mística na realização dos cultos aos orixás e voduns.

Na construção dessa identidade estão os deuses que são cultuados nos terreiros, o panteão dos orixás representa a ancestralidade dos povos aos quais os cultos são praticados. Esses representam energias da natureza que quando invocados vem à terra com a missão de se comunicar com os seus filhos e zeladores. Essas religiões presentes em todo território brasileiro demarcam a presença da cultura africana nas diferentes formas de culto as entidades. Essa manifestação da afroreligiosidade brasileira tem nos pais e mães de santo juntamente com suas comunidades de terreiros um registro e uma verdadeira luta para manter vivas suas casas e suas identidades, são nesses templos que são cultuados os orixás africanos onde aprendem os preceitos com vista a manter viva as tradições dos cultos aos ancestrais junto isto a luta contra as formas de discriminação que são acometidos as religiões de matriz africana.

As religiões afro-brasileiras representam a cultura de diversos povos africanos e tem um importante papel na preservação destas tradições são o maior legado de resistência em nosso país nas diferentes vertentes dos cultos.

No tocante às religiões afro-maranhenses, o estado concentra um grande número de casas. O tambor de Mina é a religião africana mais difundida no estado sendo desenvolvida em todos os municípios, neste sentido centramos nosso olhar para o município de Cururupu que

concentra uma quantidade de terreiros que cultuam as mais diversas entidades, neste percurso atentamos para o Bairro de São Benedito onde está localizado o Centro de Ensino João Marques Miranda, escola da rede estadual que está localizada na parte periférica da cidade e concentra em seu entorno 14 (quatorze) terreiros distribuídos entre templos e quartos altares. A proximidade nos leva a querer compreender as vias de acesso e trabalhar a importância desses terreiros para o contexto da escola.



Autor: Edison Carneiro

240 páginas

Editora: Editora Civilização
Brasileira

Fonte: https://http2.mlstatic.com/livro-religioes-negras-negros-bantos-edison-carneiro-D_NQ_NP_791573-MLB26616568931_012018-F.jpg

3.1 CANDOMBLÉ

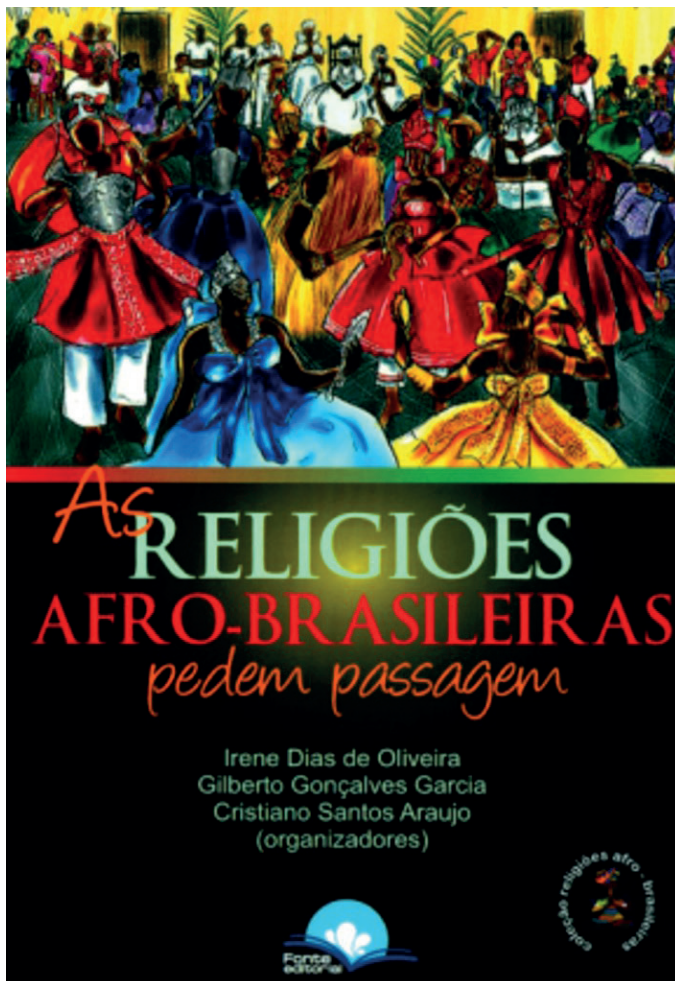


Fonte: Google, 2019. Disponível em: <https://ocandomble.com/2008/04/29/terreiros-de-candomble/>

O candomblé é uma religião africana trazida para o Brasil no período em que os negros desembarcaram para serem escravizados. Nesse período, a Igreja Católica proibia o ritual africano e ainda tinha o apoio do governo da época, que julgava o ato como criminoso e atividades satânicas. Para manter vivas as tradições aos ancestrais os escravos cultuavam seus Orixás, Inquices e Voduns relacionando-os com os santos católicos como forma de preservar a identidade dos orixás e assim não sofrerem castigos.

Os ORIXÁS, para o candomblé, são os deuses supremos. Possuem personalidade e habilidades distintas, cores, indumentárias, adereços, comidas, cantos, bem como preferências ritualísticas. Os orixás escolhem as pessoas que utilizam para incorporar no ato do nascimento, na revelação pelos jogos de búzios e em possessões (bolar no santo). No candomblé os escolhidos pelos deuses podem desenvolver as mais diferentes atividades dentro dos terreiros, os orixás de cabeça podem compartilhá-lo com outro orixá.

Os rituais do candomblé são realizados em templos chamados casas, roças ou terreiros que podem ser de linhagem matriarcal (quando somente as mulheres podem assumir a liderança do templo, (Yalorixás), patriarcal (Babalorixás) ou mista (quando homens e mulheres podem assumir a liderança do terreiro). A celebração do ritual é feita pelo pai de santo ou mãe de santo, que inicia o despacho do orixá Exu. Em ritmo de dança, o tambor é tocado e os filhos de santo começam a invocar seus orixás para que os incorporem. No ritual são invocadas e executadas melodias das entidade, nos cânticos há uma ordem que se inicia para saudar Exú, orixá mensageiro entre os deuses e os homens que abre os caminhos. Logo em seguida são entoados os cantos para os demais orixás. Os toques respeitam um calendário específico da casa, mas também podem ser executados ritos dependendo da necessidade do terreiro.

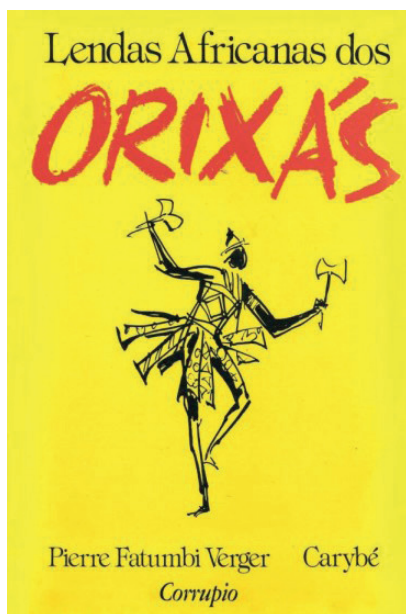


Fonte: https://images.livrariasaraiva.com.br/imagemnet/imagem.aspx/?pro_id=8138824&qld=90&l=430&a=-1=1002007557

3.2 Xirê dos Orixás



Fonte: Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-lendas-africanas-dos-orixas-pierre-fatumbi-verger-em-epub-mobi-e-pdf/>



A música nos cultos africanos tem uma função primordial, elas são o elo entre os deuses e os seus filhos. Sendo assim o Xirê, roda ou dança utilizada para evocação dos orixás, assume papel de destaque e sua relevância consiste em respeitar a ordem dos deuses como também saudar cada Orixá. Existe para cada entidade uma saudação que deve ser entoada para a sua vinda, no caso de Exu a saudação clássica é Laroie que significa “salve o mensageiro”, “me guarde”.

Exú

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA: Segunda-feira.

CORES: Preto (ou seja, a fusão das cores primárias) e vermelho.

SÍMBOLOS: Ogó de forma fálica, falo ereto.

ELEMENTOS: Terra e fogo.

DOMÍNIOS: Sexo, magia, união, poder e transformação.

SAUDAÇÃO: Laroié!

Exú é o mais controverso dos Orixás. Deus da terra e do universo, ele é a ordem, aquele que se multiplica e se transforma na unidade elementar da existência humana. Os presentes que são ofertados a Exu, são farofa feita com dendê, inhame, aguardente, feijão, mel e água e os sacrifícios são realizados em dois animais: bode e galo preto visto no sincretismo como Santo Antônio.

Muitas são as confusões e equívocos relacionados com Exu, o pior deles é associá-lo à figura cristã do diabo. Nesse viés, pintam-no como um deus voltado para a maldade, a perversidade, que se ocuparia em semear a discórdia entre os seres humanos, em virtude da sua característica travessa. Na realidade, Exu contém em si todas as contradições e conflitos inerentes ao ser humano. Exu não é totalmente bom nem totalmente mau, assim como pode amar e odiar, unir e separar, promover a paz e a guerra.

Ogum

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogum/>>



DIA: Terça-Feira

CORES: Verde ou Azul-escuro, Vermelho (algumas qualidades).

SÍMBOLOS: Bigorna, Faca, Pá, Enxada e outras ferramentas.

ELEMENTOS: Terra (florestas e estradas) e Fogo

DOMÍNIOS: Guerra, Progresso, Conquista e Metalurgia.

SAUDAÇÃO: Ògún ieé!

Ogum é o grande guerreiro, violento e implacável, deus do ferro e da tecnologia; protetor dos ferreiros, caçadores, agricultores, carpinteiros, escultores, sapateiros, metalúrgicos, marceneiros, maquinistas, mecânicos, motoristas e de todos os outros profissionais que de alguma forma lidam com o ferro ou metais afins. Dentro do sincretismo religioso pode ser assemelhado como Santo Antônio e São Jorge. Aqueles que buscam lhe agradar lhe dão em oferenda feijoada, inhame e xinxim e os sacrifícios devem ser de galo e bode, ambos devem ser avermelhados.

Orixá conquistador foram muitos os reinos que se curvaram diante do poder militar de Ogum. Entre os estados africanos conquistados por Ogum estava à cidade de Iré, da qual se tornou senhor após libertar a cidade da tirania do rei e substituí-lo pelo seu próprio filho, regressando glorioso com o título de Oniré, ou seja, Rei de Iré.

Obaluauê

Fonte: <<https://locandoble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA: Segunda-feira

CORES: Preto, branco e vermelho.

SÍMBOLOS: Xaxará ou Íleo lança de madeira, lagidibá.

ELEMENTOS: Terra e fogo do interior da Terra.

DOMÍNIOS: Doença epidémicas, cura de doenças, saúde, vida e morte.

SAUDAÇÃO: Atotoó!

Obaluaê, é o rei da terra, do interior da terra que cobre o rosto com o Filá (de palha da Costa). Senhor da morte e das doenças, sobretudo as contagiosas. Temido por isso, mas quem conhece o assunto sabe que apesar de não trazer saúde, tem poderes para levar as doenças embora, divide com o orixá Iansã o poder sobre os mortos.

No sincretismo religioso é conhecido como São Lazaro e São Roque, para ele deve-se ofertar pipoca, feijão preto, milho e farofa. Os sacrifícios realizados para esse orixá devem ser feitos em galos, bode, porco e pato.

Oxumaré

Fonte: <<https://ocandouble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA: Terça-feira

CORES: Amarelo e verde (ou preto) e todas as cores do arco-íris

SÍMBOLOS: Ebiri, serpente, círculo, bradjá.

ELEMENTOS: Céu e terra

DOMÍNIOS: Riqueza, vida longa, ciclos, movimentos constantes

SAUDAÇÃO: A Run Boboi!

Oxumaré é o orixá de todos os movimentos, de todos os ciclos. Se um dia Oxumaré perder suas forças o mundo acabará, porque o universo é dinâmico e a Terra também se encontra em constante movimento. É preciso que após o dia venha à noite, que as estações se alterem e que o vapor das águas suba aos céus e caia novamente sobre a Terra em forma de chuva. Oxumaré não pode ser esquecido, pois o fim dos ciclos é o fim do mundo.

Considerado como o Deus da chuva dispõe de uma personalidade tranquila e sensível, é conhecido como São Bartolomeu, no sincretismo religioso. Milho branco, mel, coco, feijão, acarajé, são os alimentos que devem ser dados como oferendas, e os animais que são levados a sacrifício, é o galo, tatu e bode.

Iroko

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA DA SEMANA: Terça-feira.

CORES: Branco, Verde /castanho.

SÍMBOLO: Árvore/tronco

DOMÍNIOS: Ancestralidade

SAUDAÇÃO: Iroko Issó! Eró! Iroko Kissilé.

Iroko é um Orixá muito antigo. Iroko foi à primeira árvore plantada e pela qual todos os restantes dos Orixás desceram a Terra. Iroko é a própria representação da dimensão Tempo. Iroko é o comandante de todas as árvores sagradas, o vanguardeiro, os demais Osa Iggi devem-lhe obediência porque só ele é Iggi Olórun, a árvore do Senhor do Céu.

lansã

Fonte: <<https://ocandoble.com/os-orixas/ogu/>>



DIA: Quarta-feira

CORES: Marrom, Vermelho e Rosa

SÍMBOLOS: Espada e Eruexin

ELEMENTOS: Ar em movimento, qualquer tipo de vento, Fogo

DOMÍNIOS: Tempestades, Ventanias, Raios, Morte

SAUDAÇÃO: Epahei!

lansã é uma guerreira por vocação, sabe ir à luta e defender o que é seu, a batalha do dia-a-dia é a sua felicidade. Ela sabe conquistar, seja no fervor das guerras, seja na arte do amor. Mostra o seu amor e a sua alegria contagiante na mesma proporção que exterioriza a sua raiva, o seu ódio. Dessa forma, passou a identificar-se muito mais com todas as atividades relacionadas com o homem, que são desenvolvidas fora do lar; portanto não aprecia os afazeres domésticos, rejeitando o papel feminino tradicional. lansã é a mulher que acorda de manhã, beija os filhos e sai em busca do sustento.

Considerada como a deusa das tempestades dos ventos, impulsiva e imprevisível, a ela deve-se ofertar arroz, milho branco, acarajé, feijão e os sacrifícios animais dever ser de cabras. Reconhecida também como sendo a dona da alma dos mortos e senhora dos raios.

Xangô

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA: Quarta-Feira

CORES: Vermelho (ou marrom) e branco

COMIDA: Amalá

SÍMBOLOS: Oxés (machados duplos), Edún-Àrá, xerê.

ELEMENTOS: Fogo (grandes chamas, raios), formações rochosas.

DOMÍNIOS: Poder estatal, justiça, questões jurídicas.

SAUDAÇÃO: Kawó Kabiesilé!

Xangô nasce do poder e morre em nome do poder. Rei absoluto, forte, imbatível. Xangô manda nos poderosos, manda em seu reino e nos reinos vizinhos. Xangô é rei entre todos os reis. Não existe uma hierarquia entre os orixás, nenhum possui mais axé, ou seja, força sagrada, que o outro, apenas Oxalá, que representa o patriarca da religião e é o orixá mais velho, goza de certa primazia. Contudo, se preciso fosse escolher um orixá todo-poderoso, quem, senão Xangô para assumir esse papel?

Tido como o Deus do fogo e do trovão, dentre todos os orixás é o mais justiceiro e violento, protetor dos advogados e juízes, também conhecido por castigar os mentirosos, no sincretismo é associado com: São Jerônimo, Santo Antônio, São João Batista, São Pedro, São Francisco de Assis e São José. Para lhe agradecer deve-se ofertar Amalá, que é uma comida com quiabo, camarão e azeite de dendê, dentre os animais que devem ser sacrificados, estão o galo, cágado, pato e carneiro.

Obá

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA: Quarta-feira

CORES: Marron, Vermelho e Amarelo

SÍMBOLOS: Ofange (espada) e Escudo de Cobre, Ofá (arco e flecha)

ELEMENTOS: Fogo e Águas Revoltas

DOMÍNIOS: Amor e Sucesso Profissional

SAUDAÇÃO: Obà Siré!

Obá é um Orixá ligado à água, guerreira e pouco feminina. As suas roupas são vermelhas e brancas, usa um escudo, uma espada e uma coroa de cobre.

O tipo psicológico dos filhos de OBA, constitui o estereótipo da mulher de forte temperamento, terrivelmente possessiva e carente, é mulher de um homem só, fiel e sofrida. São combativas, impetuosas e vingativas. Obá é um ORIXÁ que raramente se manifesta.

Obá é a mulher consciente do seu poder, que luta e reivindica os seus direitos, que enfrenta qualquer homem menos aquele que tomar o seu coração. Ela abraça qualquer causa, mas rende-se a uma paixão. Obá é a mulher que se anula quando ama.

Oxóssi

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA: Quinta-feira

COR: Azul-Turquesa

SÍMBOLOS: Ofá (arco), Damatá (flecha), Erukeré.

ELEMENTO: Terra (florestas e campos cultiváveis)

DOMÍNIOS: Caça Agricultura, Alimentação e Fatura.

SAUDAÇÃO: Òké Aro! Arolé!

Oxóssi é o deus caçador, senhor da floresta e de todos os seres que nela habitam orixá da fartura e da riqueza. Oxóssi é o rei de Ketu. A ele é conferido os títulos de Alakétu, Rei, Senhor de Ketu, e Onîllé, o dono da Terra, pois em África cabia ao caçador descobrir o local ideal para instalar uma aldeia, tornando-se assim o primeiro ocupante do lugar, com autoridade sobre os futuros habitantes. É chamado de Olúaiyé ou Oni Aráaiyé, senhor da humanidade, que garante a fartura para os seus descendentes. É reconhecido como o patrono do candomblé brasileiro, sua personalidade se define em intuitivo e emotivo, também conhecido como São Sebastião, os sacrifícios a ele levado devem ser de galo e bode avermelhados, e porco e as oferendas devem ter milho branco e amarelo e peixe.

Logun Edè

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/logu/>>



DIA: Quinta-feira

CORES: Azul-turquesa e Amarelo-ouro

SÍMBOLOS: Balança, Ofá, Abebè e Cavalomarinho.

ELEMENTOS: Terra (floresta) e Água (de rios e cachoeiras)

DOMÍNIOS: Riqueza, Fartura e Beleza.

SAUDAÇÃO: Logun ô akofá!

Logun Edé é o orixá da riqueza e da fartura, filho de Oxum e Oxóssi, deus da guerra e da água. É, sem dúvida, um dos mais bonitos orixás do Candomblé, já que a beleza é uma das principais características dos seus pais. Rei de Ilexá, caçador habilidoso e príncipe soberbo, Logun Edé reúne os domínios de Oxóssi e Oxum e quase tudo que se sabe a seu respeito gira em torno de sua paternidade.

Oxalá

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogun/>>



DIA: Sexta-feira

COR: Branco leitoso.

SÍMBOLO: Opáxoró

ELEMENTOS: Atmosfera e Céu

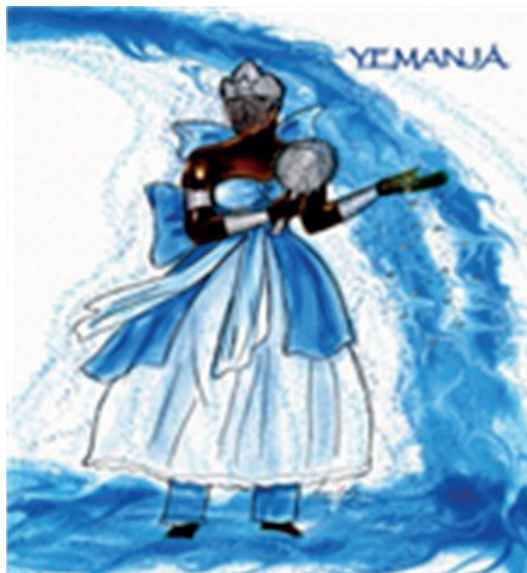
DOMÍNIOS: Poder procriador masculino, Criação, Vida e Morte.

SAUDAÇÃO: Epa Bàbá

Oxalá é o detentor do poder masculino. Todas as suas representações incluem o branco. É um elemento fundamental dos primórdios, massa de ar e massa de água, a formação de todo o tipo de criaturas no AIYÊ e no ORUN. Ao incorporar-se, assume duas formas: OXAGUIÃ jovem guerreiro, e OXALUFÃ, velho apoiado num bastão de prata o APAXORÓ. Oxalá é alheio a toda a violência, disputas, brigas, gosta de ordem, da limpeza, da pureza. A sua cor é o branco e o seu dia é a sexta-feira. Os seus filhos devem vestir branco neste dia. Pertencem a Oxalá os metais e outras substâncias brancas.

Iemanjá

Fonte: <<https://ocandoble.com/os-orixas/ogum/>>



DIA: Sábado

COR: Branco, Prateado, Azul e verde.

SÍMBOLO: Abebé prateado, Alfange.

ELEMENTOS: Águas doces que correm para o mar, Águas do mar.

DOMÍNIOS: Inteligência, Maternidade, Saúde mental e Psicológica.

SAUDAÇÃO: Erù-Iyá, Odó-Iyá.

Iemanjá é a rainha de todas as águas, seja dos rios, seja do mar. O seu nome deriva da expressão Yéyé Omó Ejá, que significa mãe cujos filhos são peixes. Na África era cultuada pelos egbá, nação lorubá da região de Ifé e Ibadan onde se encontra o rio Yemanjá. Esse povo transferiu-se para a região de ABEOKUTÁ, levando consigo os objectos sagrados da deusa, e foram depositados no rio Ogum, apesar de no Brasil Yemanjá ser cultuada nas águas salgadas, a sua origem é de um rio que corre para o mar. Inclusive, todas as suas saudações, ORIKÍS e cantigas remetem a essa origem, Odó Iyá, por exemplo, significa mãe do rio, já a saudação Erù Iyá faz alusão às espumas formadas do encontro das águas do rio com as águas do mar, sendo esse um dos locais de culto a Yemanjá.

Iemanjá é a mãe de todos os filhos, mãe de todo mundo. É ela quem sustenta a humanidade e, por isso, os órgãos que a relacionam com a maternidade, ou seja, a sua vulva e seus seios chorosos, são sagrados. Mãe de todos os orixás, Iemanjá, tem uma personalidade materna e tranquila simbolizando a maternidade e fecundidade, no sincretismo e conhecida como Nossa Senhora, Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Glória. A ela seja feito sacrifícios de cabras, porco e galinha e as oferendas devem ser feijoada, xinxim e inhame.

Oxum

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogun/>>



CORES: Amarelo – Ouro

SÍMBOLO: Leque com espelho (Abebé)

ELEMENTO: Água Doce (Rios, Cachoeiras, Nascentes, Lagoas)

DOMÍNIOS: Amor, Riqueza, Fecundidade, Gestação e Maternidade.

SAUDAÇÃO:   r  Y y   !

Oxum   generosa e digna   a rainha de todos os rios e cachoeiras. Vaidosa,   a mais importante entre as mulheres da cidade.   a dona da fecundidade das mulheres, a dona do grande poder feminino. Oxum   a deusa mais bela e mais sensual do Candomblé.   a própria vaidade, dengosa e formosa, paciente e bondosa, mãe que amamenta e ama. Um de seus oriquis (invoca o) vista com mais aten o, revela o zelo de Oxum com seus filhos: Oxum não v  defeitos nos seus filhos, não v  impureza. Os seus filhos, para ela, são verdadeiras joias, e ela só consegue ver seu brilho.   por isso que Oxum   a mãe das crianças, seres inocentes e sem maldade, zelando por elas desde o ventre até que adquiram a sua independência.

Oxum   deusa das águas doce, do ouro, da fecundidade, do jogo de búzios e do amor, no sincretismo também   reconhecida como Nossa Senhora da Concei o, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Candeias. Cabras, galinhas e pombas são sacrificadas para esse orixá e as oferendas devem ser de xinxim, milho branco, ovos e peixes de água doce.

Nanã Buruku

Fonte: <<https://ocandomble.com/os-orixas/ogu/>>



DIA: Terça-feira

CORES: Anil, Branco e Roxo.

SÍMBOLO: Bastão de hastes de palmeira (Ibiri)

ELEMENTO: Terra, Água, Lodo.

DOMÍNIOS: Vida e Morte, Saúde e Maternidade.

SAUDAÇÃO: Salubá!

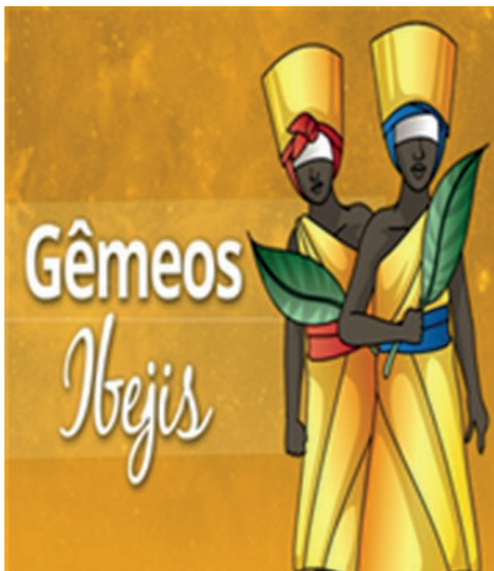
Nanã, a deusa dos mistérios, é uma divindade de origem simultânea à criação do mundo, pois quando Odudua separou a água parada, que já existia, e liberou do saco da criação a terra, no ponto de contato desses dois elementos formou-se a lama dos pântanos, local onde se encontram os maiores fundamentos de Nanã.

Senhora de muitos búzios, Nanã sintetiza em si morte, fecundidade e riqueza. O seu nome designa pessoas idosas e respeitáveis e, para os povos Jêje, da região do antigo Daomé, significa “*mãe*”. Nessa região, onde hoje se encontra a República do Benin, Nanã é muitas vezes considerada a divindade suprema e talvez por essa razão seja frequentemente descrita como um orixá masculino.

Sendo a mais antiga das divindades das águas, ela representa a memória ancestral do nosso povo: é a mãe antiga (Iyá Agbà) por excelência. É mãe dos orixás Iroko, Obaluaê e Oxumaré, mas por ser a deusa mais velha do candomblé é respeitada como mãe por todos os outros orixás, oferta-se a ela cabra, galinha, milho branco, mel, dendê e arroz. Sant’Ana é seu nome no sincretismo.

Ibejis

Fonte: <<https://locandomble.com/ox-orixas/ogul/>>



DIA: Domingo

CORES: Azul, Rosa e Verde.

ELEMENTO: Ar

DOMÍNIOS: Nascimento e Infância

SÍMBOLOS: 2 Bonecos Gêmeos, 2 Cabacinhas

SAUDAÇÃO: Bejiróó!

Ibeji é o Orixá-Criança, em realidade, duas divindades gêmeas infantis, ligadas a todos os orixás e seres humanos. São associados ao princípio da dualidade; por serem crianças, são ligados a tudo que se inicia e nasce: a nascente de um rio, o nascimento dos seres humanos, o germinar das plantas. Ibeji na nação Ketu, ou Vunji nas nações Angola e Congo é o Orixá ERÊ (criança). É a divindade da brincadeira, da alegria; a sua regência está ligada à infância. Ibeji está presente em todos os rituais do Candomblé, pois, assim como Exú, se não for bem cuidado pode atrapalhar os trabalhos com as suas brincadeiras infantis, desvirtuando a concentração dos membros de uma Casa de Santo. É o Orixá que rege a alegria, a inocência, a ingenuidade da criança. A sua determinação é tomar conta do bebê até à adolescência, independentemente do Orixá que a criança carrega. Ibeji é tudo o que existe de bom, belo e puro.

VOCÊ SABIA?

A IMPORTÂNCIA DOS SACRIFÍCIOS NOS CULTOS AFRO-BRASILEIRO.

“A oferenda dos alimentos, inclusive com a sacralização dos animais, faz parte indispensável da ritualística das religiões de matriz africana”.

Sacrifício é a prática de oferecer alimento ou a vida de animais às divindades como forma de culto. Ele não é sinônimo de matar. Apesar da linha tênue que os separa, o sacrifício está fundamentado na troca.

O sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras é milenar, tendo em vista terem herdado esta prática das antigas religiões africanas de culto aos orixás, voduns e inkisis. Ele é uma modalidade de cultura que não separa o divino, o humano e o natural nem mesmo no sofrimento. Neste sacrifício, há uma única personalidade em metamorfose e renascimento. Por estarem o divino, o humano e o natural congregados numa unidade, o sacrifício perfaz um momento especial de fusão de destinos e renascimentos em uma unidade, simultaneamente *animal, humana e divina*. Ele só ocorre quando não há a recusa destas três partes que se entregam ao acontecimento cósmico. Neste sentido, as apuradas sensibilidades desenvolvidas nestas religiões não podem ser substituídas por práticas veterinárias, por que se tratar de tradições religiosas antigas, mais sensíveis, sofisticadas e, sobretudo, abertas a insondáveis dimensões cósmicas.

Entendemos que o sacrifício de animais nos cultos, diferentemente do sacrifício dos vegetais, restabelece o poder energético do sacrificante, equilibrando estas energias para que se alcance a plenitude espiritual. Traduzindo para o plano afro-religioso, trata-se da consecução e estabilidade do axé. Por outro lado, o eji ewé, “o sangue das folhas”, ou seja, a clorofila não

tem esse poder, pois é frio, desprovida de vida, no entanto o ritual de encantamento das folhas assim como o sacrifício dos animais são complementados um no outro e traduz a ritualística dos sacrifícios nos cultos.

Definido o sacrifício como um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima, modifica o estado moral da pessoa que o efetua, esta modificação sacraliza o ato que se auto justifica pela purificação que executa. A função social do sacrifício que há nele uma força motriz que provoca a comunhão, além de ter uma finalidade na comunidade na qual ele se realiza.

OFICINA: Converse com os pais de santo que você conhece e discuta qual a importância dos sacrifícios para o a religião.

3.3 Tambor de Mina

O Tambor de mina é uma religião de matriz africana organizada no Maranhão na primeira metade do século XIX. Não se diferencia em muita coisa das outras denominações religiosas afro-brasileiras tradicionais como o candomble da Bahia, o Xangô de Recife e o batuque de Porto Alegre, Terecô de Codó (AHLERT, 2016, pag. 276) Apresenta variações que são identificadas pela nação. As nações mais conhecidas da mina no Maranhão são: jêje, nagô, tapa, Caxeu ou mata. O termo tambor deriva da importância desse instrumento utilizado nos rituais de culto. Quanto à palavra mina esta se deriva de negro-mina, de São Jorge de Mina (atual Gana) de onde vieram muitos africanos como escravizados, esses povos eram conhecidos como mina-jejes e mina-nagô.

O tambor de mina assim como as demais religiões de matriz africana no Brasil caracteriza-se por ser iniciática de transe e possessão. Nas casas mais tradicionais a iniciação é demorada, são realizadas com muita discricção, poucos recebem os graus mais elevados. As possessões podem variar de pessoa para pessoa em algumas ocorre de maneira muito discreta, já em outras no início do transe a entidade executa muitas voltas ao redor de si mesmo. É comum no momento do transe o incorporado receber uma toalha branca para amarrar na cintura e assim segurar o transe. Dos participantes noventa por cento são mulheres por esse motivo, fala-se muito em hierarquia matriarcal nesta religião. Os homens em geral desempenham funções como tocadores de tambores os ABATÁS, por isso serem chamados de abatazeiros, mas também executam outras funções dentro das casas. No entanto há casas que são dirigidas por homens.

Quanto às casas de cultos mais conhecidas no Maranhão temos: os cultos jêje e o nagô, o primeiro considerado o mais antigo estabeleceu seus dogmas na Casa das Minas, conhecida também como Querenbentã de Zomadonu fundado por volta de 1840. Outro terreiro bastante conhecido que sua fundação não está muito distante da primeira é a Casa de Nagô. Na Casa das Minas os cânticos aos voduns são em língua jêje e só se recebe divindades denominadas

voduns, na Casa de Nagô cultua-se os orixás, voduns e encantados. O modelo desta casa deu origem a vários terreiros na capital e no interior do estado. Neles é muito comum a realização de festas da cultura popular maranhense como: Festa do Divino Espírito Santo, Bumba-meu-boi e Tambor de Crioula geralmente solicitadas pelas entidades que possuem alguma afinidade com determinado folguedo.

Casas das Minas - (Querebentã de Tói Zomadônu) Tói Zomadônu é o dono da casa e com ele um grupo de famílias de voduns liderados por seus chefes, a Casa das Minas foi fundada em meados do século XIX pela africana Maria Jesuína que veio para o Brasil como escravizada. Conta-se que era a RAINHA NÃ AGOTIMÉ da família real de Abomey, esposa do rei Agonglô e mãe do rei Guezo do Daomé. A Casa rante das Minas Jêje dedica-se ao culto aos voduns que se organizam em clãs. Duas grandes Mãe de Santo que ganharam destaque foi a MÃE ANDRESSA Maria de Tói Poliboji e Dona Amélia de Tói Doçú Bogueçagajá que muito contribuíram para a difusão da identidade da casa. A última sacerdotisa foi Dona Deni de Tói Lepon que faleceu em 08 de fevereiro de 2015. O que levou ao desaparecimento desta importante casa aos voduns de tradição daomeana.

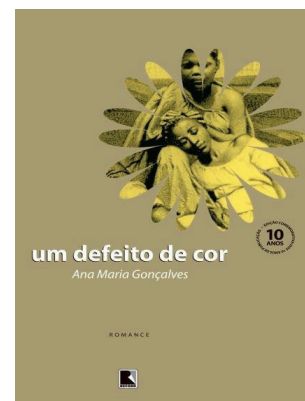
Casa de Nagô - A Casa de Nagô ou Nagon Abioton foi fundada por duas africanas de tradição yorubá, Josefa e Maria Joana Travassos. Nesta casa são cultuadas divindades africanas nagôs, e os encantados, gentis e fidalgos com essa identidade marcante foi responsável por influenciar vários terreiros no Maranhão. Entidades como: Averequête, Dom Luís Rei de França, Dom Floriano, Dom João, Seu Guerreiro, Seu Zezinho de Amaramadã, Princesa de Ouro, são os que figuram no panteão desta importante casa de culto nagô.

Casa de Fanti-Ashanti - casa de culto Fanti-Ashanti foi fundada em 1954 pelo babalorixá Euclides Menezes da Cunha. Também conhecida como Tenda São Jorge de Oeira, sendo também o primeiro a dedicar espaço de culto ao candomblé (FERRETI, M., 1991, p. 2). Pai Euclides faleceu em 17 de agosto de 2015.



CASA DAS MINAS - R. São Pantaleão, 857-A - Centro, São Luís - MA

Fonte: <http://exploresaoluis.blogspot.com/2015/11/sao-luis-casa-das-minas.html>



UM DEFEITO DE COR
Ana Maria Gonçalves
Editora Record-2009



CASA DE NAGÔ - Rua Cândido Ribeiro (Rua das Crioulas), no Centro Histórico de São Luis-MA

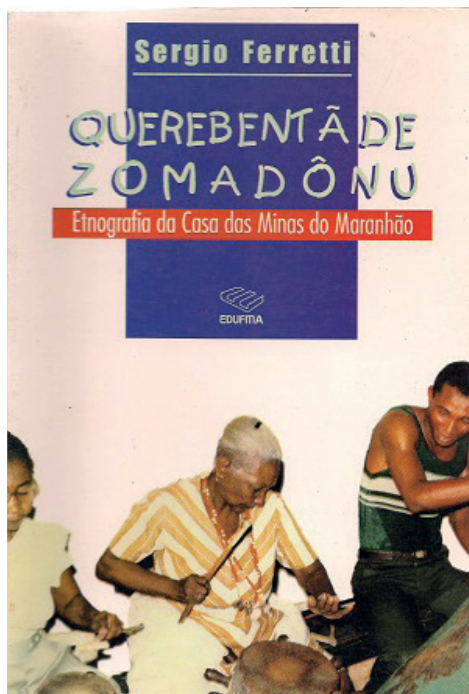
Fonte: <http://www.museuafro.ufma.br/site/>



CASA DE FANTI-ASHANTI - Rua Militar 160 Bairro Cruzeiro do Anil.

Fonte: <http://brasilcandombleverdade.blogspot.com/2010/02/homenagem-ao-pai-euclides-talabian.html>

Em Cururupu as religiões de matriz africanas realizam os cultos com aspectos da Casa de Nagô onde as entidades são de várias denominações, encantados, voduns, orixás e caboclos. Os terreiros desenvolvem atividades diversificadas a maioria realizam festejos aos donos da casa com uma programação que pode durar de três a nove noites e com participação dos filhos da casa e da comunidade local. Na difusão dos cultos afro-brasileiros em Cururupu levamos nosso olhar para o Pai de Santo Benedito Marques reconhecido dirigente no culto afro que preserva o culto com traços característicos da Casa de Nagô.



Querebentã de Zomadônu

Sérgio F. Ferreti

Edufma- 1996

Fonte: <http://www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/2014/11/querebent%C3%A3-1.jpg>

OFICINA: CONVERSEM COM SEUS AVÓS, SEUS PAIS PERGUNTE A ELES SE JÁ OUVIRAM FALAR SOBRE A CASAS DAS MINAS, CASA DE NAGÔ E CASA DE FANTI-ASHANTI.

FAÇA ANOTAÇÕES.

3.4 Pai Benedito Marques



Fonte: Arquivo Pessoal

Benedito Marques Silva dos Anjos nasceu em 11 de novembro de 1961, filho de santo do renomado pai de santo do Maranhão José Negreiro, sua experiência com os encantados começou muito cedo quando ainda tinha seis anos, diz que via imagens de pessoas vestidas de índios com enormes penachos, e com isso não conseguia dormir, sempre falava com o pai que também era pai de santo. Iniciou a atividade na linha de cura com Martinho Pedro dos Anjos (Branco) e mais tarde foi introduzido na linha de cura por Zé Negreiro em São Luís. A sua Tenda Espiritual Oxóssi realiza toques e trabalhos de cura, Marques realizava no mês de novembro uma novena em devoção a Santo Onofre com Caixa do Divino Espírito Santo com impérios e festa dançante, atualmente a festividade é realizada durante cinco dias, esclarece que não coloca mais os impérios porque na época eram seus

filhos que saíam e ele organizava tudo devido ao fato de ter feito promessa para que todos os anos fossem confeccionados as indumentárias e atualmente as pessoas alugam. Desse modo, o festejo não tem mais as figuras dos impérios.

OFICINA: Conhece terreiros de matriz africana próximo a escola? Pesquise as casas e organize um encontro e escreva a biografia dessas templos enfocando sua importância para a identidade do bairro como símbolo de resistência.

Um dos guias da casa é o caboclo Sete Flechas. Marques expressa que em sua casa os toques ainda seguem os padrões das antigas casas onde são cantados para todas as entidades que abrem os toques, pontuou que nos dias de toque sempre que um iniciado executa algum canto foge dos preceitos do ritual, ele costuma explicar como deve ser desenvolvido as doutrinas no mínimo três para cada entidade, segue este preceito pois acredita que a mina é uma religião com muitos fundamentos e portanto, precisa ser levada a sério.



Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

O Terreiro de Santa Luzia localizado à Travessa São José, s/n no Bairro de São Benedito. É uma casa de culto afro-brasileira bastante conhecida em Cururupu que trabalha na linha de encantados e tem como dirigente espiritual a sacerdotisa Fátima Cadete. O templo fica próximo ao Centro de Ensino João Marques Miranda. A casa é chefiada pelo Caboclo Manezinho e sua fundação data da década de 1990, a mãe de santo não afirma com precisão o período em que o primeiro barracão foi construído, no entanto fala com bastante entusiasmo e gratidão à maneira como aconteceu.

Conta que, a pedido das entidades mais precisamente seu guia de frente, construiu um espaço para realizar trabalhos de orientações espirituais. Diz ainda que já vinha sofrendo por conta das irradiações mediúnicas e que quanto mais possessões tinha, mais os encantados reafirmavam a necessidade de construir um templo para assentamento.

Fátima que era iniciada no santo começou a ficar preocupada como iria erguer o barracão, pois na época não trabalhava era sua mãe quem a ajudava nos desígnios com os voduns. Para sua felicidade o terreno onde morava era bastante grande, sua mãe que também era mãe de santo tratou logo de oferecer um pedaço do terreno, pois sabia dos castigos que os caboclos costumam aplicar aos filhos que não atendem seus pedidos.

O primeiro passo já havia dado, no entanto ainda faltava o material para construção, ela que já desenvolvia grandes trabalhos de cura no bairro teve o apoio da comunidade do bairro de São Benedito, adquiriu o material necessário para a construção do prédio. O barracão foi construído de taipa e pindoba e durou uns poucos anos vindo a ser derrubado em 2016, nessa época Fátima já estava aposentada quando resolveu levantar o atual templo que é de alvenaria medindo 06 metros de frente por 12 de fundo, o modelo é em estilo duas águas, ao fundo encontra-se o altar onde residem as imagens de santos católicos e caboclos cultuados na casa, a exemplo de Santa Luzia e o caboclo Manezinho, em frente ao altar encontra-se os tambores, cuícas e pedra.

Na entrada (cantos) estão construído dois pedestais onde estão assentados a imagem de duas entidades, Fátima nos relatou que o templo teve ajuda de um influente cliente da casa que lhe doou metade do material e mão de obra a generosidade se deu por conta de um trabalho realizado tendo o cliente grande êxito no que buscava.

Dentre as atividades realizadas o festejo em homenagem a Santa Luzia feito com extensa programação, inclui toque aos caboclos, ladainhas mesa de chocolate e jantar aos mordomos e juizes da festa, atualmente é comemorada apenas com ladainhas e toques de tambor não havendo mais festa dançante e demais atividades. Perguntada por que não realiza mais o festejo como antes ela nos responde *“que como o terreiro é construído em terreno da família e a maioria dos parentes são evangélicos ela não realiza o evento evitando desentendimento*

com os familiares”. Ela nos afirma que a época em que realizava o festejo a padroeira do terreiro os alunos e professores do C. E. João Marques Miranda costumavam frequentar o local, alguns muito animados com as atividades enquanto havia outros que eram membros da casa e desenvolvia atividades nos rituais.

Perguntei como fazia para manter o templo ela responde que quase todo o dia recebe visitas de pessoas que vão à procura de seus trabalhos espirituais, muitos dos que as procuram pagam o valor cobrado na consulta que é de R\$ 25.00 reais, enquanto outros lhe agradam com pertences, ou até mesmo utensílios utilizados nas cerimônias, comenta que é muito requisitada para fazer serviço fora do município dentre esses lugares há um que visita constantemente o município de São Bento onde costuma passar dias realizando trabalhos de cura, diz que há trabalhos que recebe valores bem expressivos.

A Mãe de Santo também nos relata que no início das primeiras possessões relutava em não aceitar as divindades, todavia, passou a aceitá-las, fato que a levou a construir um barracão e a ter mais sossego espiritual. Narra que costuma passar horas dentro do barracão como forma de se energizar, às vezes entra pela manhã e só sai à noite. Deposita no templo seu compromisso com as entidades e afirma que *“é consciente que assim como nós seres humanos precisamos de um espaço para sossegar, pensar botar nossa cabeça em repouso assim também são as entidades,”* diz ainda que *“os encantados também precisam descansar, pois passam o dia todo realizando trabalhos por vários lugares”*. Perguntada o que acha do barracão diz que é grande e por essa razão acaba recebendo muito mais pessoas durante os toques da casa, sendo que uma parte vem só para abelhudar. Termina afirmando *“que quem nasceu para trabalhar com encantados não tem como escapar tem que conseguir por que se não os resultados bagunçam a vida da pessoa toda.”*

3.5 Umbanda da Brasilidade



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

A Umbanda é uma religião afro-brasileira, que sincretiza o catolicismo, ESPIRITISMO e as religiosidades de matriz africana, indiana e indígena, possuem princípios, ensinamentos e rituais que a diferenciam das demais. São diversas as vertentes na Umbanda. De forma geral, os Orixás são a manifestação divina através de espíritos, chamados de guias ou entidades.

Sua estrutura baseia-se em três princípios, comuns a todas as formas de umbanda, que são: fraternidade, caridade e respeito ao próximo. Além da obediência a esses princípios, existem conceitos básicos nos quais a umbanda se fundamenta a exemplo da existência de um único Deus, supremo; existência dos orixás, seres do plano superior que representam cada um a sua forma, elementos da natureza, do planeta ou das próprias características humanas; manifestação dos espíritos e suas várias formas de atuar, podendo ser os guias, que são mensageiros divinos, espíritos de luz em evolução que incorporam nos médiuns para ensinar e orientar aos que buscam auxílio, e os kiumbas, espíritos obsessores e sem luz que se alimentam das fraquezas humanas, como ódio, vingança e vícios;

A mediunidade como forma de comunicação entre as esferas física e espiritual; Crença na alma imortal e na reencarnação. A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira.

Hino de Umbanda Umbanda

Refletiu a luz divina
Com todo seu esplendor
Vem do Reino de Oxalá
Aonde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no ar
Luz que veio de Aruanda
Para nos iluminar
A Umbanda é paz e amor
É um Mundo cheio de luz
É a força que nos da vida
E à grandeza nos conduz
Avante filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao Mundo inteiro
A bandeira de Oxalá

3.6 ZÉ PILINTRA, o popular da umbanda

Pai Rogério de Ogum incorporado com
Zé Pilintra –Cururupu/MA



Fonte: Arquivo Pessoal

Zé Pilintra é muito adorado e respeitado como entidade espiritual de origem afro-brasileira. Ele enche o coração de todos com alegria e a boa malandragem. Admirado na Umbanda, é considerado como um espírito humilde, de bondade plena, patrono dos bares, rei da vida noturna, boêmio e apaixonado por jogos e disputas.

Ele é a lição para os menos informados de que nem todos os desafortunados no sistema de um país, representam alguma ameaça para a sociedade, e que devemos respeitar e dar valor aos que mesmo perante tanta dificuldade, ainda pagam com um belo sorriso os mais julgadores olhares.

Fonte: <www.wemystic.com.br/artigos/historia-ze-pilintra-malandr-umbanda/>

MITOS AFRICANOS: Literatura negra na voz dos Griôs

As sociedades africanas em geral, e muito em particular os países da África subsaariana, são essencialmente sociedades da palavra falada. Mesmo quando a escrita existe, e apesar de séculos de colonização, a oralidade continua a ser parte integrante da comunidade e do indivíduo, sendo constitutiva da própria identidade individual e coletiva. É elemento chave para a transmissão e preservação da tradição e da sabedoria dos povos, legada pelos antepassados de geração em geração, de boca em boca ao longo dos séculos. A tradição negro-africana baseia-se na palavra e é essencialmente oral. A oralidade é completada por ritos e símbolos. Mas estes, sem a palavra, sem a tradição, tornam-se ininteligíveis e ineficazes. Nas sociedades africanas, a palavra contém em si um valor dinâmico e é eficazmente influente, pois ela é vida. A cultura realiza-se, expande-se e permanece pela palavra, por isso, é cultivada e tratada com zelo. A oralidade baseada na palavra é assim o canal para a difusão da sabedoria dos povos.

A oralidade na África é responsável pela transmissão e manutenção das tradições da cultura, sobretudo a biografia dos deuses, o mito na África é depositado toda sacralidade na revelação dos búzios, pelos babalaôs. Soma-se a isto os griôs, figuras cercadas de muita sabedoria que carregam à história das nações as quais pertencem, a oralidade é um elemento fundamental na realização de cultos.

Os mitos na África é elo que liga a maioria das coisas, é na interpretação do mito que se concentra toda sabedoria de babalaôs e griots, literatura oral, compreensível de fácil acesso e de linguagem simples.

MITOLOGIA DOS ORIXÁS

REGINALDO PRANDI



Mitologia dos Orixás

Reginaldo Prandi- 2001

Editora: Companhia das Letras

MITO: Um mito é uma narrativa de caráter simbólico-imagético, ou seja, o mito não é uma realidade independente, mas evolui com as condições históricas e étnicas relacionadas a uma dada cultura, que procura explicar e demonstrar, por meio da ação e do modo de ser das personagens, a origem das coisas.

Fonte: <https://a-static.mlcdn.com.br/1500x1500/mitologia-dos-orixas/lt2shop/0000122905/a3c960fb-5116-40f1-a14f-8ff92411dd2a.jpg>

4.1 Os Griôts



Fonte: Google, 2019. Disponível em: <https://clionainternet.wordpress.com/2013/06/19/grios-os-contadores-de-historias-na-africa/>

responsáveis pela história, música, poesia e contos. Há griôs músicos, tocadores de instrumentos, compositores e cantores. Entoando cantos ou palavras ritmadas e gestos que representam o ato da criação. Nem todos os griôs possuem o compromisso com a verdade como os demais tradicionalistas. A eles é permitido inventar e embelezar as histórias.

Até os dias atuais, a maior parte das sociedades africanas dá grande importância à oralidade transmitida de geração para geração por meio das palavras proferidas com muito cuidado pelos tradicionalistas, os guardiões da tradição oral, que conhecem e transmitem as ideias sobre a origem do mundo e tantas outras. Os griôs são os guardiões, intérpretes e cantores da História oral de muitos povos africanos. Todos eles possuem uma função social bastante semelhante e de grande relevância. Cantam a história da África e os mitos dos diferentes povos, ou elogiam os méritos dos heróis e personagens do passado, geralmente acompanhados por instrumentos musicais, como a kora ou o xilo fone. Os griôs são os

Seja um GRIÔT, conte a história de sua família.

Amadou Hampâté Bá o mestre da tradição oral africana.

"Em África, quando morre um ancião arde uma biblioteca, desaparece uma biblioteca inteira sem que as chamas acabem com o papel." (Amadou Hampâté Bá).

Mestre da tradição oral africana Amadou Hampâté Bá foi um escritor malinês nascido em 15 de maio de 1901, fez um excelente trabalho no campo da recuperação e transmissão da cultura africana e dos seus arquivos manuscritos, resultado de meio século de pesquisa sobre as tradições orais.

Escritor e etnólogo maliense formou-se na escola corânica e na francesa. Destacou-se muito jovem nos estudos e entrou na escola de magistério da ilha de Gorée (Senegal). A partir de 1922 ocupou vários cargos na administração colonial e em 1942 começou a trabalhar como etnólogo no IFAN (Instituto Fundamental de África Negra).

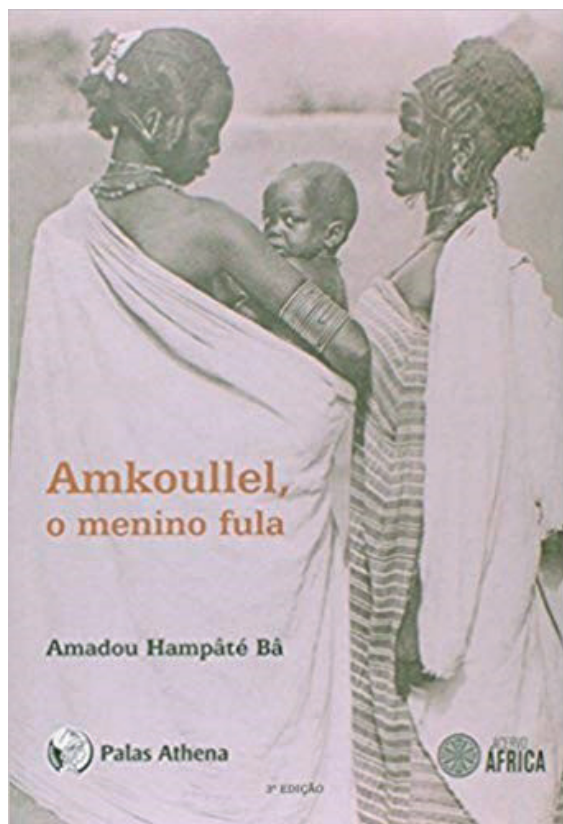
Com a independência do seu país, chegou a ocupar vários cargos de responsabilidade na UNESCO, instituição a partir da qual procurou preservar as culturas orais africanas.

Desde 1970 que o seu trabalho se centrou na classificação dos arquivos acumulados durante toda a sua vida sobre as tradições orais da África Ocidental. Publicou várias obras sobre literatura oral e a história El extraño destino de Wangrin que lhe valeu o Grande Prémio Literário de África Negra em 1974. É autor de numerosas obras, entre as quais se destacam: L'Empire peul du Macina (1955) Vie et enseignement de Tierno Bokar, le sage de Bandiagara (1957), adaptado ao teatro por Peter Brook em 2003. Kaïdara, récit initiatique peul (1969) L'Étrange Destin de Wangrin (1973, premiado com o Grand Prix de littérature d'Afrique noire em 1974) L'Éclat de la grande étoile (1974) Jésus vu par un musulman (1976) Petit Bodiel (conte peul) e versão em prosa de Kaïdara (1977) Njeddo Dewal mère de la calamité (198) La Poignée de poussière, contes et récits du Mali (1987) Amkoullél l'enfant peul (Mémoires I, 1991) e Oui mon commandant ! (Mémoires II, 1994) publicados após sua morte n'y a pas de petites querelles : nouveaux contes de la savane (Stock, 1999) onde se encontra o conto Le Cadavre de Hyène-Mère.



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/51/00/8f/51008fb154aca3fed961ff1a17a5750.jpg>

Nos últimos anos de sua vida, fez repousar, sobre as páginas de sua autobiografia, as histórias vivenciadas desde a sua infância até sua juventude: Amkoulel, o menino fula. Baseado nas lembranças faz um relato de fatos memoráveis que marcaram sua trajetória, e embora publicados a título póstumo, eternizaram a força da palavra na tradição oral africana. Bâ como um “homem de conhecimento”, lança um olhar sobre a África que se move de dentro para fora e focaliza toda a diversidade e riqueza que compunham suas experiências infanto-juvenis.



Fonte: <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/61KrnAQvw2L.jpg>

As histórias contadas em Amkoullel, o menino fula têm seu desfecho na região da savana africana do Mali, especificamente em Bandiagara, onde viviam os fulas: pastores que guiavam seus rebanhos por toda África savânica, em busca de pastos, água fresca e ouvintes para transmitir toda a sabedoria que traziam na memória.

O pastor fula contava seu gado cotidianamente para não perdê-lo; do mesmo modo, fazia com as histórias, cada vez que as contava mais fácil seria encontrá-las na memória, pois, para o povo de tradição oral, a repetição não é defeito, mas sim um mecanismo de sobrevivência. Desde criança, o fula era treinado a escutar e olhar tão atentamente para o narrador que se fazia visível toda a história contada em sua minúcia, quase pictórica. Assim era guardada a força da palavra que mora na narrativa e nunca se apaga.

VOCÊ SABIA?

O continente africano é rico em mitos que narram as histórias dos grandes feitos dos povos e seus deuses na construção do mundo, histórias que narram atos de bravura, os mitos em suas narrativas mágicas ilustram um fato social que se bem observados auxiliam na construção da personalidade do homem, trazendo um cunho moral para reflexão e com isso constrói uma ligação com o sagrado. A mitologia africana mantém viva a memória de seus povos ao longo da história, sua transmissão oral é um dos pilares da cultura africana este processo acontece por meio da repetição o que para o africano é uma forma de manter vivas essas tradições.

A ORIGEM DO MUNDO

No início de tudo havia o Orum, o espaço infinito, e lá vivia o deus supremo Olorum. Certo dia, Olorum criou uma imensa massa de água, de onde nasceu o primeiro orixá: Oxalá, o único capaz de dar vida. Olorum mandou Oxalá partir e criar o aiyê, o mundo. Só que Oxalá não fez as oferendas necessárias para a viagem e enfrentou sérios problemas no caminho.

Quem acabou criando o mundo foi Odudua, sua porção feminina. Para consolar Oxalá, o deus supremo lhe deu outra missão: a de inventar os seres que habitariam o aiyê. Assim Oxalá usou a água branca e a lama marrom para criar peixes azuis, árvores verdes e homens de todas as cores. Foram justamente os homens que, mais tarde, imaginaram formas de adorar e representar a saga de deuses como Oxalá, Odudua, Olorum e tantos outros.

Fonte: <<http://ensinoreligioso-serafimjonas.blogspot.com/2013/09/a-criacao-do-mundo-numa-visao-africana.html>>

OFICINA: COM BASE NO MITO “A ORIGEM DO MUNDO” ELABORE UMA NARRATIVA QUE CONTE SUA VERSÃO SOBRE A CRIAÇÃO DO MUNDO.

Exu respeita o tabu e é feito o decano dos Orixás

Exu era o mais jovem dos orixás. Exu assim devia reverência a todos eles, sendo sempre o último a ser cumprimentado, mas Exu almejava a senioridade, desejando ser homenageado pelos mais velhos para conseguir seu intento, Exu foi consultar os babalaôs. Foi dito a Exu que fizesse sacrifício deveria oferecer três ecodidés, que são as penas do papagaio vermelho, três galos de crista gorda, mais quinze búzios e azeite-de-dendê e mariô, a folha nova da palmeira. Exu fez o ebó e o adivinho disse a ele para tomar um dos ecodidés e usá-lo na cabeça, amarrado na testa e que assim não poderia por três meses carregar na cabeça o que quer que fosse. Olodumare disse então que queria ver todos os orixás, queria saber se eles estavam dando conta na Terra das missões que Olodumare a eles atribuía. Oxu, a Lua, foi buscar os orixás, todos os orixás se prepararam para o grande momento, a grande audiência com Olodumare. Todos trataram de preparar suas oferendas, fizeram suas trouxas, seus carregos, para levar tudo para Olodumare e cada um foi com a trouxa de oferendas na cabeça, só Exu não levava nada, porque estava usando o ecodidé e com ecodidé não podia levar nenhuma carga no ori. Sua cabeça estava descoberta, não tinha gorro, nem coroa nem chapéu, nem carga. Oxu levou os orixás até Olodumare. Quando chegaram ao Orum de Olodumare, todos se prostraram. Mas Olodumare não teve que perguntar nada a ninguém, pois tudo o que ele queria saber, lia nas mentes dos orixás. Disse ele:

Aquele que usa o ecodidé foi quem trouxe todos a mim. Todos trouxeram oferendas e ele não trouxe nada. Ele respeitou o tabu e não trouxe nada na cabeça. Ele está certo. Ele acatou o sinal de submissão. Doravante será meu mensageiro, pois respeitou o euó. Tudo o que quiserem de mim, que me seja mandado dizer por intermédio de Exu. “E então por isso, por sua missão, que ele seja homenageado antes dos mais velhos, porque ele é aquele que usou o ecodidé e não levou o carregos na cabeça em sinal de respeito e submissão”. Assim o mais novo dos orixás, o que era saudado em último lugar, passou a ser o primeiro a receber os cumprimentos. O mais novo foi feito o mais velho. Exu é o mais velho, é o decano dos orixás.

Iemanjá joga búzios na ausência de Orumilá.

Iemanjá e Orumilá eram casados. Orumilá era um grande adivinho, com seus dotes sabia interpretar os segredos dos búzios. Certa vez Orumilá viajou e demorou a voltar e Iemanjá viu-se em dinheiro em casa, então, usando o oráculo do marido ausente, passou a atender uma grande clientela e fez muito dinheiro.

No caminho de volta para casa, Orumilá ficou sabendo que havia em sua aldeia uma mulher de grande sabedoria e poder de cura, que com a perfeição de um babalaô jogava búzios, ficou desconfiado quando voltou não se apresentou a Iemanjá, preferindo vigiar escondido o movimento em sua casa.

Não demorou a constatar que era mesmo a sua mulher a autora daqueles feitos, Orumilá repreendeu duramente Iemanjá, ela disse que fez aquilo para não morrer de fome, mas o marido contrariado levou perante Olofin-Olodumaré. Olofin reiterou que Orumilá era e continuaria sendo o único dono do jogo oracular que permite a leitura do destino, ele era o legítimo conhecedor pleno das histórias que forma a ciência dos dezesseis oduns, só o sábio Orumilá pode ler a complexidade e as minúcias do destino, mas reconheceu que Iemanjá tinha um pendor para aquela arte, pois em pouco tempo angariara grande freguesia.

Deu a ela então autoridade para interpretar as situações mais simples, que não envolvessem o saber completo dos dezesseis odus, assim as mulheres ganharam uma atribuição antes totalmente da masculina.

Fonte: <(https://paijoaodeangola.com/lendas-de-yemanja/)>.

O LEÃO É FORTE COMO A AMIZADE (Mito angolano)

Esta lenda é originária de Angola.

Dois amigos costumavam encontrar-se todos os dias, numa das conversas um deles comentou:

- Os leões estão a aparecer nas redondezas. Tem cuidado com a tua casa, para evitares um desgosto.

- O Leão não poderá entrar. Tenho espingarda e lança.

- Enganas-te, porque não podes lutar com o Leão.

- Tenho a certeza que posso.

Ambos riram e continuaram a conversar até que por fim se separaram.

Passou-se um mês desde quando o rapaz tinha avisado o amigo, arranhou um meio de se transformar em Leão e resolveu atacar o camarada rugindo ferozmente.

Arranhou-lhe a porta de casa e encontrou o amigo a dormir. Levantou-o, bateu-lhe e desfez tudo aquilo que encontrou. Deixando o amigo em má situação, retirou-se e voltou à forma de homem.

No outro dia, foi visitar o amigo que atacara e este disse-lhe:

- Pobre de mim! O Leão veio aqui e destruiu tudo!

- Porque não fizeste fogo ou lhe meteste a lança?

- Meu amigo, o Leão é forte como a amizade!

TODOS DEPENDEM DA BOCA (Mito moçambicano)

Certo dia, a boca, com ar de vaidade, perguntou:

- Embora o corpo seja um só, qual é o órgão mais importante?

Os olhos responderam:

- O órgão mais importante somos nós: observamos o que se passa e vemos as coisas.

- Somos nós, porque ouvimos. - disseram os ouvidos.

- Estão enganados. Nós é que somos mais importantes porque agarramos as coisas.

Disseram as mão..

Mas o coração também tomou a palavra:

- Então, e eu? Eu é que sou importante: faço funcionar todo o corpo!

- E eu trago em mim os alimentos! - interveio a barriga.

- Olha! Importante é aguentar todo o corpo como nós, as pernas, fazemos.

Estavam nisto quando a mulher trouxe a massa, chamando-os para comer. Então os olhos viram a massa, o coração emocionou-se, a barriga esperou ficar farta, os ouvidos escutavam, as mãos podiam tirar bocados, as pernas andaram... mas a boca recusou comer. E continuou a recusar. Por isso, todos os outros órgãos começaram a ficar sem forças...

Então a boca voltou a perguntar:

- Afinal qual é o órgão mais importante no corpo?

- És tu boca - responderam todos em coro.

- Tu és o nosso rei!

Todos nós somos importantes e, para viver, temos de aprender a colaborar uns com os outros, é o que procura transmitir essa lenda moçambicana.

DICIONÁRIO DE RELIGIÃO AFRO BRASILEIRA

Pesquise as palavras e monte um dicionário de termos da religião de matriz africana.

HAUSSÁS: _____ _____ _____	INDLAMU: _____ _____ _____	IORUBÁS: _____ _____ _____	TUAREGUES: _____ _____ _____
IJEXÁ: _____ _____ _____	ORIXÁS: _____ _____ _____	INDUMENTÁRIAS: _____ _____ _____	YALORIXÁS: _____ _____ _____
BABALORIXÁS: _____ _____ _____	AIYÊ: _____ _____ _____	ORUM: _____ _____ _____	OXAGUIÃ: _____ _____ _____
OXALUFÃ: _____ _____ _____	APAXORÓ: _____ _____ _____	ABEOKUTÁ: _____ _____ _____	ORIKÍS: _____ _____ _____

<p>ERÊ:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>ABATÁS:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>VODUNS:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>RAINHA AGOTIMÉ</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>MÃE ANDRESSA:</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>ESPIRITISMO:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>QUEREBENTÄ DE ZOMADÔNU</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	

SAUDAÇÕES ESPECÍFICAS DE CADA ORIXÁ

EXÚ _____ OGUM _____

OBALUAUÊ _____ OXUNARÉ _____

IROKO _____ IANSÃ _____

XANGÔ _____ OBÁ _____

OXÓSSI _____ LOGUM EDÉ _____

OXALÁ _____ IEMANJÁ _____

ESCREVA NO QUADRO ACIMA A SAUDAÇÃO DE CADA ORIXÁ UTILIZADA NOS CULTOS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o espaço onde há muitas identidades, sejam elas de classe, raças, gênero e religião. Sobretudo as representações religiosas de herança africana, recai uma gama de estereótipos e negações que se validam no espaço escolar por conta de um preconceito sustentado pelo processo educacional brasileiro que privilegia uma crença em detrimento da outra. Esta negação, muito embora seja configurada nos rituais pedagógicos, se constitui de comportamentos intolerantes com os cultos afro-brasileiros, mesmo diante das discussões os atos ainda são frequentes e configuram uma baixa na aprendizagem do aluno. Por se sentir excluído não vê motivos para permanecer na escola.

Neste trabalho optamos por fazer abordagens sobre os temas da religiosidade afro no sentido de oferecer algumas contribuições para a formação de professores e com isso possibilitar que os alunos investiguem as narrativas da comunidade com o intuito de formar uma consciência histórica e a partir daí se identificar como sujeito pertencente a uma identidade, sobretudo as religiões de matriz africana.

A proposta é fazer com que os alunos que pertençam a essa matriz religiosa possam se sentir acolhidos e aqueles que são de outras matrizes possam minimamente conhecer e respeitar. Assim podemos contribuir com o combate a preconceitos e discriminações de cunho cultural/religioso no espaço escolar traçando argumentos mais embasados na história e cultura africana e afro-brasileira.

Glossário

A

abará: bolinho de feijão.

acará: peixe de esqueleto ósseo.

acarajé: bolinho de feijão frito (feijão fradinho).

agogô: instrumento musical constituído por uma dupla campânula de ferro, produzindo dois sons.

angu: massa de farinha de trigo ou de mandioca ou arroz.

B

bangüê: padiola de cipós trançados na qual se leva o bagaço da cana.

bangulê: dança de negros ao som da puíta, palma e sapateados.

banzar: meditar, matutar.

banzo: nostalgia mortal dos negros da África.

banto: nome do grupo de idiomas africanos em que a flexão se faz por prefixos.

batuque: dança com sapateados e palmas.

banguela: desdentado.

berimbau: instrumento de percussão com o qual se acompanha a capoeira.

búzio: concha.

C

cachaça: aguardente.

cachimbo: aparelho para fumar.

cacimba: cova que recolhe água de terrenos pantanosos.

Caculé: cidade da Bahia.

cafiê: diz-se de pessoa que dá azar.

cafuca: centro; esconderijo.

cafua: cova.

cafuche: irmão do Zumbi.

cafuchi: serra.

cafundó: lugar afastado, de acesso difícil.

cafuné: carinho.

cafungá: pastor de gado.

calombo: quisto, doença.
calumbá: planta.
calundu: mau humor.
camundongo: rato.
Candomblé: religião dos negros iorubás.
candongá: intriga, mexerico.
canjerê: feitiço, mandinga.
canjica: papa de milho verde ralado.
carimbo: instrumento de borracha.
catimbau: prática de feitiçaria .
catunda: sertão.
Cassangue: grupo de negros da África.
caxambu: grande tambor usado na dança harmônica.
caxumba: doença da glândula falias.
chuchu: fruto comestível.
cubata: choça de pretos; senzala.
cumba: forte, valente.
Cumbe: povoação em Angola.

D

dendê: fruto do dendezeiro.
denço: manha, birra.
diamba: maconha.

E

efó: espécie de guisado de camarões e ervas, temperado com azeite de dendê e pimenta.
Exu: deus africano de potências contrárias ao homem.

F

fubá: farinha de milho.

G

guandu: o mesmo que andu (fruto do anduzeiro), ou arbusto de flores amarelas, tipo de feijão comestível.

I

inhame: planta medicinal e alimentícia com raiz parecida com o cará.

lemanjá: deusa africana, a mãe d' água dos iorubanos.

iorubano: habitante ou natural de Iorubá (África).

J

jeribata: álcool; aguardente.

jeguedê: dança negra.

jiló: fruto verde de gosto amargo.

jongo: o mesmo que samba.

L

libambo: bêbado (pessoas que se alteram por causa da bebida).

lundu: primitivamente dança africana.

M

macumba: religião afro-brasileira.

máculo: nódoa, mancha.

malungo: título que os escravos africanos davam aos que tinham vindo no mesmo navio; irmão de criação.

maracatu: cortejo carnavalesco que segue uma mulher que num bastão leva uma bonequinha enfeitada, a calunga.

marimba: peixe do mar.

marimondo: o mesmo que vespa.

maxixe: fruto verde.

miçanga: conchas de vidro, variadas e miúdas.

milonga: certa música ao som de violão.

mandinga: feitiçaria, bruxaria.

molambo: pedaço de pano molhado.

mocambo: habitação muito pobre.

moleque: negrinho, menino de pouca idade.

muamba: contrabando.

mucama: escrava negra especial.

mulunga: árvore.

munguzá: iguaria feita de grãos de milho cozido, em caldo açucarado, às vezes com leite de coco ou de

gado. O mesmo que canjica.

murundu1: montanha ou monte; montículo; o mesmo que montão.

mutamba: árvore.

muxiba: carne magra.

muxinga: açoite; bordoadada.

muxongo: beijo; carícia.

maassagana: confluência, junção de rios em Angola.

O

Ogum ou Ogundelê: Deus das lutas e das guerras.

Orixá: divindade secundário do culto jejênago, medianeira que transmite súplicas dos devotos suprema divindade desse culto, ídolo africano.

P

puita: corpo pesado usado nas embarcações de pesca em vez fateixa.

Q

quenga: vasilha feita da metade do coco.

quiabo: fruto de forma piramidal, verde e peludo.

quibebe: papa de abóbora ou de banana.

quilombo: valhacouto de escravos fugidos.

quibungo: invocado nas cantigas de ninar, o mesmo que cuca, festa dançante dos negros.

queimana: iguaria nordestina feita de gergelim .

quimbebé: bebida de milho fermentado.

quimbembe: casa rústica, rancho de palha.

quimgombô: quiabo.

quitute: comida fina, iguaria delicada.

quizília: antipatia ou aborrecimento.

S

samba: dança cantada de origem africana de compasso binário (da língua de Luanda, semba = umbigada).

senzala: alojamento dos escravos.

soba: chefe de trigo africana.

T

tanga: pano que cobre desde o ventre até as coxas.

tutu: iguaria de carne de porco salgada, tocinho, feijão e farinha de mandioca.

U

urucungo: instrumento musical.

V

vatapá: comida.

X

xendengue: magro, franzino.

Z

zambi ou zambeta: cambaio, torto das pernas.

zumbi: fantasmas.

Fonte : <https://www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-usadas-em-nosso-vocabulario/>

Glossário (palavras utilizadas nas casas de cultos)

A

Ados - comida feita com farinha de milho de pipoca e mel

Abá - pessoa idosa, velho.

Abadá - para sempre ou roupa

Abadó - milho híbrido, canjica

Abará - bolinhos feitos com massa de feijão fradinho

Abébé - leque.

Aberem- embrulhinhos enrolados na folha velha de bananeira

Abiodum - um dos Obás da direita de Xangô.

Abassa- Salão onde se realizam as cerimônias públicas do candomblé.

Ade - coroa.

Afonjá - uma qualidade de Xangô que dá nome ao Axé Opó Afonjá.

Agôgô - instrumento musical cônico feito de ferro.

Ayabá - orixá feminino, senhora idosa.

Aiyê - o mundo terrestre, a terra.

Airá - um Orixá da família de Xangô

Ajá - campainha, sino, cachorro

Ajimudá - título sacerdotal ligado a Egungun e Oyá

Akoro - uma qualidade de Ogum.

Aku - obrigação funerária.

akikó - galo.

Alá - espécie de pano branco, universo

Alabá - nome de um sacerdote do culto aos ancestrais.

Alabê - Ogan confirmado que canta e toca o candomblé

Alafiá -felicidade; tudo de bom.

Alafin - o mesmo que o rei – Nigéria.

Alapini - nome sacerdotal do culto aos ancestrais, egungun

Alase - pessoa que tem autoridade.

Alé - noite ou qualidade de Exu

Apaoká - jaqueira.

Aramefá - conselho de Oxóssi, composto de seis pessoas.

Aré - nome do primeiro Obá de Xangô.

Ararekolê - como vai?
Aresá - um dos Obás da esquerda de Xangô.
Ariasé - local onde se dá o início das obrigações.
Asobá - cargo no culto de Obaluaiyê.
Atin- pó, energia ligada a um Orixá
Atori - vara pequena usada no culto de Oxalá e usada para tocar atabaque.
Awá - nós.
Awon - eles.
Asedá -babalaô iniciado por Òrúmilá.
Asó - roupa.
Asogun - Ogan de Ogum encarregado dos sacrifícios.
Aianmadê - como vão os meninos?
AdupélewôOlorun - graças a Deus por ter conservado minha vida e a minha saúde até hoje.
Alabasé - companheiro, colega de trabalho.
Alaiyè - possuidor da vida.
Asé - força vital e que assim seja.
Aiyê - Terra.
Agô - licença.
Amnó - o misericordioso.
Abalasedi - cerimônia de iniciação.
Asesê - cerimônia fúnebre.
Amadosi d'Orixá - cerimônia do dia do orixá dar o nome.
Amasi no ori - cerimônia de lavar a cabeça com ervas sagradas.
Ajé - poder feiticeiro.(a)
Ajeun - comida.

B

Bàbá - papai.
Babalaô - sacerdote, pai do segredo
Badá - título sacerdotal.
Babá Kekerê - Pai Pequeno
Baiani - Orixá da família de Xangô.
Balé - chefe de comunidade.

Balué -Banheiro.
Bamgbosê - sacerdote do culto de Xangô.
Bé - pular, pedir.
Bi - nascer, perguntar.
Bibá -está aceito.
Bibé -está seco.
Biwá - nasceu para nós.
Bó - adorar
Bo - cobrir.
Bode -portão.
Borogun - aquele que adora Ogun, saudação da família.

D

Dagan -cargo importante ligado ao Axé
Dagô - dê licença.
Dê - chegar.
Deiyi -chegou agora.
Duro - esperar.

E

Ebá - pirão de farinha de mandioca ou inhame.
Ebo - comida feita de milho branco, especial para Oxalá.
Ebó - sacrifício ou oferenda.
Ebori - cerimonia de dar ebó a cabeça (Ori)
Edun - nome próprio.
Edun ara -pedra de raio.
Egun -espírito ancestral.
Eiye - pombo.
Ejé -sangue.
Ekó - comida feita com milho branco; akasa.
Eku - rato.
Elebó - aquele que faz o sacrifício.
Eledá - o Deus supremo ou aquele que lhe mantém vivo
Elemasó - título de um sacerdote no culto de Oxaguiã

Elerin -um dos Obá da esquerda de Xangó.

Elessé - que está aos pés, seguidor.

Êpa -amendoim.

Éran - carne.

Êre - as esculturas de madeiras ou energia infantil ligada ao orixá

Eru -carrego.

Erukéré - chicote feito com crina de cavalo, usado por Oxóssi.

Eruexin- Chicote de crina de búfalo usado por Oyá .

Etu - galinha D'angola.

Ewá - nome de um orixá.

Exu - nome de um importante orixá erroneamente associado ao diabo católico.

F

Fatumbi - título de um sacerdote de ifá.

Filá - gorro.

Fun - dar, trazer, soprar

Funké - a que veio para cuidar.

G

Gan = outro nome do agogô na Nação ioruba.

I

Ianlé - as partes da comida que são oferecidas ao orixá.

Iansan - orixá patrono dos ventos, do rio Niger e dos relâmpagos.

Igbá -recipiente onde se coloca os objetos do orixá.

Ibi - aqui, quando o Odu está negativo.

ibiri - objeto de mão, usado pela orixá Nanã, feito em palha, couro e contas.

Ibó - lugar de adoração.

Igbô - floresta.

Iemanjá - orixá dos rios e das águas salgadas.

Ijexá - nome de uma região da Nigéria e de um toque para orixá Oxum, Oxalá e Ogum.

Iká - modo de deitar-se das pessoas de orixá feminino, para saudação, nome de um Odu.

Iku - morte.

Ilè - casa.

Ilé - terra.

Ina - fogo.

Ipeté - inhame cozido, temperado com camarão seco, sal, azeite de dendê e cebola,

Ire - felicidade.

Iuindejã - título sacerdotal.

Iuintonã - título sacerdotal.

Isu - inhame.

Iyá - mãe.

Iyabasé - cargo responsável pela cozinha do Orixá..

Iyalaxé - mulher mais importante da casa.

Iyalodé - um alto título, líder entre as mulheres.

Iyalorixá - Zeladora do culto.

Iyamasê - orixá mãe de Xangô.

Iya Kekere- Mãe pequena

Iyamoro - responsável pelo Ipade

laô - nome dado aos iniciados, noiva.

J

Jinsi - título sacerdotal.

Jô - dançar.

Jobi - título sacerdotal.

K

Kaiodé - nome de uma sacerdotisa de Oxóssi.

Kankanfô - um dos obás da direita de Xangô, general

KeKekerê - pequeno.

Kolabá - nome de uma sacerdotisa do culto de Xangô.

Kopanijê - um toque especial do orixá Obaluaiyê.

Koserê - que seja feliz, e que tudo de bom aconteça.

Labá -bolsa de couro usada no culto de Sango.

L

Lara - no corpo.

Lê - forte.

Lesé - aos pés
Ló - ir.
Lode - lado de fora; lá fora.
Lodo - no rio.
Logun - corruptela de Logunèdé.
Logunedé - nome de um orixá.
Lonon - no caminho.

M

Mariwo - tala do olho do dendezeiro desfiada.
Mogbá - título de um sacerdote do culto de Xangô.
Mo jubá - meus respeitos.

N

Nanã - nome da orixá
Nilè - na casa.

O

Obá - rei.
Obaluwaiyê - nome do orixá patrono das doenças epidêmicas.
Obarayi - nome de uma sacerdotisa filha de Xangô.
Obatalá - orixá do pano branco, O supremo.
Obatelá - nome de um dos obás da direita de Xangô.
Obasorun - nome de um dos obás da esquerda de Xangô.
Obi - fruto africano utilizado nos rituais.
Obitikô - Xangô.
Oburo - irmão (ã) mais novo.
Ode - fora, rua.
Odé - caçador; nome que também é dado ao orixá Oxóssi.
Odi - nome de um odu, joga de ifá.
Odo - rio.
Odófin - nome de um dos obá da direita de Xangô.
Odu - orixá que indicam seu momento ou destino
Oduduwá - orisá que participou da criação da terra.

Ofun - nome de um odu.
Ogã ou Ogan -cargo de alta importância no culto.
Ogoda - uma qualidade de Xangô.
Ogue - instrumento de percussão feito de chifres de boi.
Ogun - orixá patrono do ferro, do desbravamento e da guerra.
Oyn - mel.
Oyakebe - nome de uma sacerdotisa de Iansã.
Ojá - ornamento feito com tira de pano.
Ojé - sacerdote do culto de Egun ou Egungun.
Ojó - dia da semana.
Oju - olho.
Ojubó - lugar de adoração.
Oke - montanha.
Oke-Aro - saudação para Oxóssi.
Okó - marido.
Oko - roça, fazenda. òrísá da agricultura.
Olelé - bolo feito com feijão fradinho; abará.
Olodê - o senhor da rua, do espaço, de fora.
Olorum - entidade suprema, força maior, que está acima de todos os orixás.
Olouwo - cargo dentro do culto de Ifá.
Olùwá - senhor.
Oluwayê - senhor do mundo
Olukotun -o nome do ancestral mais velho, cabeça do culto de Egun.
Omi - água.
Omo - filho.
Omode - criança
Omolu - vodun djedje ou Nação efon.
Omorisá - filho de orisá.
Onon - caminho.
Onilé - órisá da terra.
Onilè - dona da casa.
Opasorô - cajado de Oxalá.
Opo - pilastra.
Ori - cabeça.

Oro - preceito, costume tradicional.
Orobô - fruto africana que se oferece à Xangô e outros orixás.
Orukó - nome do iniciado.
Osoniyn - orisá que vive dentro das folhas (ewe).
Osé - semana; rito semanal.
Osi - esquerda, ou a terceira pessoa de um cargo.
Osá - nome de um odu ifá
Oti - aguardente.
Otun - direita, ou segunda pessoa de um cargo.
Ówó - dinheiro.
Oxoguiã - uma qualidade de Oxalá relacionado com o inhame novo.
Oxalá- o mais respeitado, o pai de todos os orixás.
Oxalufã - uma qualidade de Oxalá; Oxalá velho.
Ose - sabão da costa africana.
Oxóssi - orixá igbo, patrono da floresta e da caça.
Ososo - milho cozido com pedaços de coco; comida do orixá Ogun.
Oxum - orixá das águas do rio.
Oxumare - nome do orixá relacionado a chuva, babalaô do Orun.

P

Pá - matar.
Pade -encontrar.
Pe - chamar.
Peji - altar.
Pepeiye - pato.
Pepelê - banco.
Peté - plano, chato, horizontal.

S

Si - para.
Sòrò - falar.
Sun - dormir.

T

Tanã - vela, lâmpada, fifo.

Temi - nome sacerdotal.

To - suficiente, basta.

U

Unbó - está vindo, está chegando.

Unjé - comida.

Uwo -olhar, reparar.

X

Xaorô -pequenos guizos

Xarará -emblema do orixá Obaluaiyê.

Xê -fazer.

Xekeré - cabaça revestida com contas de Santa Maria ou búzios.

Xerê - chocalho especial para saudar Xangô, em cabaça com cabo ou em cobre.

Xirê - festa, brincadeira.

Xokotô - calças.

Xorô - fazer ritual.

Y

Yan – Torrar

Yaro – Ficar aleijado

Yiyan – Assado

Yonrin – Areia

Yama – Oeste

Yara-yepejo – Sala

REFERÊNCIAS

A história de Zé Pilintra – O Malandro da umbanda. Disponível em: www.wemystic.com.br/artigos/historia-ze-pilntra-malandr-umbanda/. Acesso em: 19 fev. 2019.

AHLERT, Martina. Carregado em saia de encantado: transformação e pessoa no terecô de Codó. Disponível em: www.gpmina.ufma.br/site/wp-content/.../ETNOGRÁFICA-MARTINA-AHLERT.pdf. Acesso em: 14 fev. 2019.

Blog do Prof. Kiber- Sapo. <https://esoterismo-kiber.blogs.sapo.pt/79419.html>

Candomblé- O Mundo dos Orixás <https://ocandomble.com/os-orixas/ogu/>. Acesso em: 24 fev. 2019.

ENSINAR HISTÓRIA: Quem são os Griots? Disponível em: ensinarhostoria.blogspot.com/2013/05quem-são-os-griots.html Acesso em: 24 fev. 2019.

FERRETI Mundicarmo, Maria Rocha. **Nagô é Nagô**: identidade e resistência em um terreiro de mina de São Luís (MA). In: IV Jornada Internacional de Políticas Públicas sobre São Luís, 2009.

FERRETI, Sergio Figueiredo. **Querebentã de Zomadônu**: etnografia das Casas das Minas. 2. ed. - São Luís: EDUFMA, 1996.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. História da África. **Revista Brasileira de Educação**. Salvador: [s.n]. 2010.

FONSECA. Dagoberto, docente da UNESP, Câmpus de Araraquara; Coordenador Executivo do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE) e membro do Centro Atabaque – Cultura Negra e Teologia.

FRAGA, Walter; ALBUQUERQUE, Wlamiria R. de. Uma história da cultura afro-brasileira. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/.../uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019.

O que é Umbanda - Umbanda e Orixás. Disponível em: umbanda-orixas.info/o-que-umbanda.html. > Acesso em: 24 fev. 2019.

KI-ZERBO, Joseph (Coord). **História Geral da África** – metodologia e pré-história da África. Trad. B. Turquetti et al. São Paulo/Paris: Ática/UNESCO, 1982.

RELEITURAS DE MITOS. Disponível em: <<http://mitosnobairrodapaz.blogspot.com/p/mitos-5-e.html>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SILVA, Júlio César Lázaro da. **África**. <<https://brasilecola.uol.com.br.>>. Geografia. Continentes. Acesso em: 22 fev. 2019.

HARGREVES, Patrícia. As religiões que vieram da África. **Dossiê Superinteressante**. São Paulo. 2018.